

LUIZ HENRIQUE RODRIGUES

REPRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES CIRCENSES NA ESCOLA

FLORIANÓPOLIS – SC

2007

LUIZ HENRIQUE RODRIGUES

REPRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES CIRCENSES NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Ciências do Movimento Humano do Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Freire

FLORIANÓPOLIS – SC

2007

LUIZ HENRIQUE RODRIGUES

REPRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES CIRCENSES NA ESCOLA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Ciências do Movimento Humano.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. João Batista Freire

Profa. Dra. Giovana Zarpellon Mazo

Prof. Dr. Ruy Krebs

Profa. Dra. Lúcia Schneider Hardt

Florianópolis, 07 de agosto de 2007.

Dedico este trabalho aos viajantes aventureiros que moram embaixo da lona. Àqueles que nos emocionam com sua arte e fazem do riso momentos de comunhão com a felicidade.

AGRADECIMENTOS

Passo a agradecer pela colaboração de numerosas pessoas, as quais direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho:

Aos meus Pais, Alcyone e Marinho (*in memoriam*), os grandes incentivadores dos meus estudos; aos meus irmãos e sobrinhos queridos, pelos momentos de apoio.

Aos amigos, Marcio de Borba, Valnei Luis do Rosário, Marizeti Herbst, Tadeu Luis da Silva, Iara Neitsch, pela força e energia transmitida durante todos esses anos em que estivemos juntos. Aos amigos do programa de Mestrado, Ciro Goda, Cláudio Almeida, Mauren Salim, Lélia Regina Kremer, Geisa Santana pelo incentivo e pelas sinceras contribuições em meu trabalho. Às incansáveis amigas Atagy Feijó e Denize Rodrigues Leite, pelo carinho fraterno e solidariedade que muito contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores Doutores Ruy Krebs, Giovana Z. Mazo e Thais Beltrame, pelos ensinamentos.

Ao professor Edson Stahl, por dispor os alunos à pesquisa, um amigo incansável.

Ao orientador professor Dr. João Batista Freire, pela sua experiência e compreensão nos momentos decisivos deste trabalho, enfim, pela sua amizade.

Aos corajosos e versáteis artistas: trapezistas, malabaristas e palhaços, pelo carinho e aos ensinamentos da arte e do ofício de fazer rir.

À secretária da Pós-Graduação, Solange, o meu muito obrigado pelo seu sorriso, afeto e dedicação.

Às crianças protagonistas deste trabalho, o meu carinho e a alegria pela motivação e participação nesta pesquisa.

A todos os profissionais da instituição escolar pesquisada por facilitar o meu trabalho, em especial a Ana Lúcia e a Cláudia.

A todos que porventura deixei de mencionar, agradeço por me acompanharem nessa feliz caminhada.

“Para que uma arte sobreviva ela necessita fazer escola”.

Annie Fratellini

RESUMO

As atividades circenses na escola são práticas corporais que se transformam num enredo de ações culturais e motrizes. Um riquíssimo celeiro de movimentos corporais, gestos e sentimentos que a Educação Física precisa descobrir como proposta curricular. Por isso, o objetivo deste estudo foi analisar a prática de atividades circenses na escola, como instrumento pedagógico nos conteúdos de planejamento das aulas de Educação Física escolar. A pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, em função de sua temática estar enfocada no comportamento humano. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados a observação participante, visitas em circos, utilização de filmes temáticos sobre a história e vida dos povos da lona, troca de experiências com artista de circo na escola, fotografias, diários de campo, desenhos, relatos orais e escritos. Os sujeitos deste estudo constituem-se por dezesseis crianças, na faixa etária entre oito e nove anos, estudantes da 3ª série do Ensino Fundamental da Rede de Ensino Particular, no Município de Joinville, na região Norte do Estado de Santa Catarina. As atividades circenses foram desenvolvidas uma vez por semana, com duração de uma hora, conforme o combinado com a coordenadora pedagógica da escola, sendo depois descritas num diário de campo conforme a observação direta do pesquisador. O autor também aplicou entrevistas semidirigidas aos pais das crianças e com o professor de Educação Física da turma a fim de verificar a percepção dos mesmos no tocante ao desenvolvimento das atividades circenses durante a aplicação do estudo. Considerando-se que a receptividade das atividades circenses foi unânime, cativando igualmente os alunos, pais e professores; as práticas desenvolvidas atraíram e instigaram fortemente as crianças, motivando-as e desafiando-as a práticas criativas; incontestavelmente, a pesquisa fomentou a imaginação, respeitando a inteligência, valorizando o ser humano e promovendo o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Atividades circenses. Escola. Educação Física.

ABSTRACT

Circuses activities at school is a body practice that summarises cultural and driving power actions. It is considered an enriching situation of body movements, gestures and feelings that PE practice needs to assume as a curriculum achievement. It is actually the aim of this study which analyses the circuses activities at school as a pedagogical planning in PE classes.

The research enhances a qualitative basis considering its focus on human behaviour. Many procedures were used on the data collecting such as participants observation, some visits to circuses, exhibition of thematic films with the content of circuses people's background, sharing experiences with the artist at school, photographs, drawings, interviews besides oral and written reports. There were on the whole sixteen participants that contributed for the building of this issue ranging from kids at the age of eight and nine years old, attending the third year of primary basis from a regular school in the town of Joinville, located in the northeast state of Santa Catarina.

The circuses activities were developed once a week with the duration of one hour, in accordance with the deal previously set with the pedagogical coordinator of the school. The collected information was kept as a record on a diary, according to the researcher observation. The author of this document also carried out some interviews with the pupils' parents as well as with the PE teacher of a selected group with the purpose of checking their perception about the development of the circuses activities during the study process.

It is considerably relevant to highlight not only the pupils positive acceptance but also the teacher's and parents' on the whole, that surely by the mentioned exposure and practice, pupils were deeply motivated and prepared to develop challenging situations, involving their imagination, taking under consideration, individual's intelligence limitations, admiring the human being as well as promoting citizenship.

Key-words: Circuses activities. School. Physical education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escala gradual de conseqüências lógicas	30
Figura 2 – Desenho e texto de criança	36
Figura 3 – Visita ao circo instalado na cidade de Joinville - SC	37
Figura 4 – Materiais das atividades circenses	38
Figura 5 – Luz, Câmera e Ação – a sétima arte vai à escola	48
Figura 6 – Personagem do circo elaborado pelas crianças, a partir do material reciclável distribuído durante a aula.....	52
Figura 7 – Texto e desenho elaborado por uma criança. (Ato IV).....	54
Figura 8 – Chegada do Circo na Cidade de Joinville-SC	56
Figura 9 – Texto e desenho elaborado por uma criança em sala de aula.....	60
Figura 10 – Crianças em atividades circenses com a técnica do véu	62
Figura 11 – Texto elaborado em sala de aula, após atividade prática	64
Figura 12 – Criança caracterizada de palhaço.....	68
Figura 13 - Crianças e o seu palhaço Mundo Verde.....	75
Figura 14 – Desenho de criança nas atividades circenses.....	83

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
1 - INTRODUÇÃO	12
1.1 - OS CAMINHOS QUE JUSTIFICAM ESTE ESTUDO.....	12
2 - CONCEITO HISTÓRICO DO CIRCO: “O MAIOR ESPETÁCULO DO MUNDO”!	16
2.1 - O CIRCO NASCEU NA CHINA?.....	17
2.2 - O CIRCO TERIA SURGIDO NA GRÉCIA?.....	17
2.3 - O CIRCO ORIGINOU-SE EM ROMA?.....	18
2.4 - UMA NOVA ERA.....	19
2.5 - O CIRCO NO BRASIL.....	21
2.6 - O CIRCO E SUA EXPRESSÃO CORPORAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA	22
2.6.1 - A Educação Física e a sua prática na escola: O espetáculo não pode parar!	25
2.6.2 - As Atividades Circenses na Escola – um Sonho Possível	27
2.6.3 - Os Elementos Circenses: um celeiro criativo na escola	30
3 - METODOLOGIA	33
3.1 - A ESCOLHA DO MÉTODO.....	33
3.2 - SUJEITOS DO ESTUDO	38
3.3 - OS PROCEDIMENTOS DE COLETA	39
3.4 - TRATAMENTO DOS RESULTADOS.....	41

4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	42
4.1 – O NOSSO CAMINHAR	43
Ato I – O encontro com as crianças	43
Ato II – Era uma vez... Contação de histórias	45
Ato III – Luz, câmera, ação: A sétima arte vai à escola	47
Ato IV – A arte de criar	49
Ato V – A quadra, um espaço de aventuras	53
Ato VI – Senhoras e senhores “equilíbrio com objetos”	57
Ato VII – A diversidade das técnicas circenses	60
Ato VIII – Diversão na natureza	63
Ato IX – Pé de lata a pé de pau	65
Ato X – Risos e alegrias de brincação, o palhaço	67
4.1.1 – Os elementos circenses: um cenário de aventura	87
4.1.1.1 – Desafios, sensações e significados dos movimentos na cama elástica.....	87
4.1.1.2 – Percepções das crianças na arte do malabarismo	89
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES	102
ANEXOS	124

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - OS CAMINHOS QUE JUSTIFICAM ESTE ESTUDO

Hoje tem espetáculo? Tem sim senhor. Hoje tem marmelada? Tem sim senhor. Hoje tem goiabada? Tem sim senhor. Essas perguntas cantadas imortalizaram as nossas brincadeiras em tempo de infância. A linguagem, a magia, a liberdade, as cores e as formas continuam vivas em nossa memória, incorporando-se à nossa história como uma paixão, um impulso criativo pelo circo e seu universo fantástico.

As imagens circenses são lembranças do mais antigo espetáculo do mundo o qual tem sido alvo de várias definições: arte ancestral e única; o útil elevado ao sublime; o último vestígio de um saber antigo ligado a diversos povos e a diversas culturas. O maior espetáculo da terra; imagens, cenários e memórias da infância do ser humano desde o seu despertar para a diversão. O risco ao fundo e do fundo do tempo, uma marchinha, ou melhor, uma trilha sonora da nossa própria infância (TORRES, 1998).

O circo, uma arte viva de emoções com rico conteúdo cultural e motriz, contagia as nossas lembranças, levando-nos ao passado, haja vista a euforia das crianças ao vê-lo chegando às cidades com seus carros alegóricos, bandas, artistas, desfile de várias atrações em ruas estreitas e descalças.

A curiosidade foi e sempre será tentar espionar por baixo da grande tenda armada em terreno baldio os ensaios para o espetáculo de estréia. Durante essa descoberta os olhos estão sempre atentos a qualquer movimento, querendo encontrar seus personagens e suas histórias de viajantes.

Os mistérios e segredos da arte circense são reais, belos e contagiantes. É lá que se vive a aventura de observar no picadeiro figuras extravagantes que despertam o riso. Também é o lugar dos jogos cênicos e das emoções despertadas,

onde os artistas, malabaristas, contorcionistas, ilusionistas e equilibristas são ansiosamente aguardados.

Nessa fábrica de sonhos da infância é natural que toda criança curiosa busque um encontro com os artistas, principalmente com aqueles que vestem roupas coloridas e largas, sapatos grandes, gravata imensa, o rosto pintado com cores vivas, além de usarem uma indiscreta bola vermelha na ponta do nariz. O palhaço é para as crianças um dos principais personagens do mundo encantado do circo. Mistura ficção e realidade. Diverte platéias pelos quatro cantos do mundo.

As atrações circenses contaminam pela emoção. É um ambiente onde tudo é possível. Nesse espaço há um despertar do corpo para as manifestações de alegria, riso e fantasia; transformando a condição humana em fascínio pelas práticas corporais.

O que gerou em mim esse verdadeiro encanto pela simulação de novas experiências nas aulas de Educação Física foi a magia de poder transferir momentos de fantasia para o brincar inocente da criança, aliada à necessidade de conhecer e de reinventar novas práticas pedagógicas.

O circo é assim, uma prática corporal que se transforma num enredo de ações espetaculares que há séculos nos contagia e que deve continuar despertando o interesse de nossas crianças, jovens e adultos. Ele provoca no ser humano uma sensação de euforia e felicidade. É um mundo repleto de expressão e mágica escondido sob uma tenda colorida, onde estão guardadas as melhores gargalhadas e aventuras.

A inspiração para a execução deste trabalho veio-me pelas recordações de minha própria história de vida: das lembranças da infância, das experiências como professor de Educação Física no Ensino Fundamental e também daquelas que participei como ator cômico na arte do palhaço gestual.

Além disso, percebi que algumas questões como as atividades expressivas nas instituições escolares, tais como a dança, o teatro e as atividades circenses ocupam pouco ou quase nenhum espaço durante as aulas de Educação Física escolar.

Refletindo sobre problemas dessa natureza, enquanto docente na área da pedagogia do movimento humano, cheguei ao seguinte questionamento: “O que legitimaria então a presença das atividades circenses nos programas de Educação Física Escolar?”

Para tanto, busco fundamentação nas palavras de Bortoleto e Machado (2003, p.57):

Ao considerar o circo como parte da cultura humana, particularmente da cultura artística corporal, podemos justificar sua presença no universo educativo como pertinente considerando-se que um dos deveres da “escola” é o de transmitir o legado cultural existente.

Para os mesmos autores, a escola é um espaço necessário para incentivar a criatividade, a espontaneidade, a imaginação e os demais aspectos relacionados ao desenvolvimento da capacidade de expressão corporal, sendo também uma agente de mudanças sociais. Nesse sentido, deve oportunizar momentos marcantes, plenos de experiências significativas que envolvam sentimentos e fatos da história de vida.

É função da Educação Física, proporcionar alternativas de incentivo criativo e de expressão corporal, garantindo na escola um espaço de resgate histórico da cultura popular, a qual é composta por instrumentos poderosos de construção para uma educação inclusiva.

Faz-se necessário lembrar que na cultura infantil existe um rico e vasto mundo de movimentos e fantasias a serem explorados, quase sempre ignorados pelas instituições de ensino. Freire, J. B. (2001).

Com isso, percebe-se a necessidade do desenvolvimento de uma proposta pedagógica nas aulas de Educação Física, as quais incluam as atividades circenses. Estas oportunizarão vivências corporais às crianças que utilizem as linguagens expressivas, das relações, da beleza, integrando-se ao seu acervo cultural como princípio norteador de sua aprendizagem.

Conforme Souza (2000), as aulas de Educação Física por meio de movimentos circenses favorecem também o desenvolvimento da sensibilidade, da expressividade, da criatividade e da espontaneidade das crianças e de seus movimentos.

Acredita-se que educadores verdadeiramente comprometidos com a prática pedagógica e com as crianças na instituição escolar precisem superar o ensino somente técnico-esportivo. Por meio deste, há uma manipulação do corpo, buscando-se exclusivamente o rendimento esportivo. Perdem-se com isso as características inerentes aos valores sociais, afetivos, do riso solto, da beleza e da estética que a Educação Física deveria proporcionar como manifestação humana.

A realização deste estudo tem por finalidade demonstrar que as atividades circenses podem fazer parte dos conteúdos das aulas de Educação Física. Outrossim, pode vir a despertar o interesse entre os profissionais dessa área sobre esse tipo de cultura e levá-los a compreender que o fazer pedagógico pode superar os muros da escola, visto que a expressão dos gestos humanos da cultura circense pode ser compreendida e associada à prática. As atividades circenses podem ser praticadas em vários espaços, sem que o aluno tenha que necessariamente freqüentar uma escola de circo e, além disso, entende-se que será levada a arte para a escola, que é marginalizada e abandonada pelos profissionais da Educação Física.

Notadamente, é inerente à infância a fantasia, e deixá-la de cultivá-la na escola durante as aulas de Educação Física é um contra-senso. Então, por que lançar mão dos sonhos, das aventuras de “subir ao céu”, das brincadeiras de herói, de ser palhaço, bailarina, trapezista, malabarista; na simplicidade e diversidade do cenário, do palco, do picadeiro; enfim, desobrigar-se dessa rica pluralidade cultural que o circo nos oferece?

Por conseguinte, fixou-se como objetivo principal deste estudo analisar as atividades circenses como cultura corporal e sua inserção no contexto pedagógico da disciplina de Educação Física Escolar.

Como objetivo secundário pretende-se identificar o conhecimento das crianças sobre a cultura circense e argumentar sobre a importância da prática circense na educação escolar.

2 - CONCEITO HISTÓRICO DO CIRCO: “O MAIOR ESPETÁCULO DO MUNDO!”

Para resgatar a história do circo desde a sua origem como conhecimento cultural, bem como a sua representação na sociedade, é importante tentar localizá-lo no tempo e no desenvolvimento da humanidade.

O circo é o último vestígio de um saber antigo, existencial e iniciático. Esse saber, essa arte ancestral e única que é o circo só se perpetua graças a dois mecanismos: a transmissão do saber de pai para filho e o ensino proporcionado por uma escola. (ZIELGLER *apud* BORTOLETO M. A. e MACHADO G. A., 2003, p.64).

O circo nasce com suas luzes, a música, a magia, o rufar dos tambores no salto mortal dos homens pássaros do trapézio e com a beleza e o brilho do grande espetáculo. É uma fábrica de emoções, de arte e cultura e, para compreender os seus personagens, o seu enredo de sonhos e fantasias, faz-se necessário um breve passeio pela história buscando as raízes dessa arte milenar.

É muito difícil precisar a origem dos espetáculos, bem como as práticas corporais circenses, uma vez que foram sendo constituídos ao longo dos séculos sob a influência dos povos da Grécia, Roma, Egito e China, em recintos fechados ou abertos, os quais marcaram o surgimento do gênero dessa arte, muitas vezes considerada como o espetáculo mais antigo do mundo (RUIZ, 1987).

Artigo publicado pelo Jornal a Página da Educação (2000), em seu editorial, relata a origem do circo como um acontecimento dos antigos povos da pré-história:

O circo pode ter nascido em dia de farta caça, quando o homem pré-histórico regressou a sua caverna dando pulos de alegria e fazendo rir os seus companheiros com os seus esgares de contentamento. Terá sido assim? O circo terá sido criado pelo homem ao conseguir despertar o sorriso nos seus pares? Pelo primeiro homem a fazer a primeira palhaçada? Residirá aí a teoria que o palhaço é a alma do circo?

2.1 - O CIRCO NASCEU NA CHINA?

Na sua trajetória histórica, referências sobre o circo foram encontradas em manuscritos antigos há mais de cinco mil anos na China. Com o único objetivo de aumentar a agilidade, a flexibilidade e a força física de seus guerreiros, treinavam acrobacias e equilibrismo. Era uma forma de treinamento de guerra. (BORTOLETO e MACHADO, 2003).

Os mesmos autores, em seus estudos e reflexões sobre o circo, descrevem as habilidades dos guerreiros chineses, que utilizavam objetos em seus treinamentos de guerra, manipulando por meio das acrobacias, as suas armas, utensílios domésticos, jarras e porcelanas que lançavam e pegavam com diferentes partes do corpo. Era uma forma de diversão e entretenimento e de apresentar as suas agilidades corporais como arte marcial.

Com o passar do tempo, a essas qualidades somaram-se graça e leveza aos movimentos que foram sendo aperfeiçoados para apresentação a visitantes do império chinês.

2.2 - O CIRCO TERIA SURGIDO NA GRÉCIA?

Na Grécia, os conquistadores gregos, em sua busca particular de manifestação de força, participavam de exhibições de malabarismos com objetos de grande porte e relativamente pesados, como por exemplo: rodas de carroças. Os gregos também demonstravam as suas proezas em desfiles pelas vilas e expunham seus adversários vencidos e escravizados em suas batalhas como forma de méritos.

Segundo Bolognesi (2003, p. 24):

As exhibições com animais no circo remontam da Grécia Antiga. Os chefes dos Exércitos traziam animais exóticos, muitos até então desconhecidos, como prova de suas bravuras e testemunhos das distâncias percorridas e das terras conquistadas. Esses animais eram posteriormente utilizados em exposições como troféus.

Esse conceito de exibição com animais persiste ainda na atualidade atraindo alguns olhares críticos com relação à crueldade sofrida pelos mesmos. As raízes gregas do circo estariam escritas nas Olimpíadas da Grécia Antiga.

Havia um lugar designado para apresentações destinadas à contemplação da estética e valores nobres como a beleza, a verdade e a evolução e aventura de corpos no ar, em barras e argolas.

2.3 - O CIRCO ORIGINOU-SE EM ROMA?

Para Melo e Alves Júnior (2003, p. 03):

Em Roma observa-se uma preocupação dos políticos romanos em oferecer ao povo diversão popular, como práticas de distração e alienação, uma forma de dominação e controle da massa. Inaugurava-se o que chamamos de política do “pão e circo” em período de festas religiosas.

Os espetáculos de circo romano aconteciam em uma arena para milhares de pessoas, em festas públicas e apresentavam corridas de cavalos e de carros ou charretes.

De acordo com Bolognesi (2003, p.27), “a aceitação popular dos espetáculos despertou a atenção dos políticos em Roma, os quais pretendiam aumentar sua popularidade perante o povo. A decisão foi assumida e incentivada pelo imperador César como *marketing* pessoal”.

Na época também aconteciam duelos de vida e de morte em uma arena. Os gladiadores lutavam aos olhares do público presente, tendo como adversários animais capturados em batalhas que eram expostos em combate com os homens. Foram os romanos com seus espetáculos públicos que deram origem ao nome *circo*. A raiz desse termo é mantida até hoje.

Os divertimentos e jogos públicos era a grande política do estado romano, assim como os ideais militares eram os de conquistar terras e subjugar o povo, fazendo-os escravos. (BOLOGNESI, 2003).

Na sede do império, o maior circo romano chamou-se Circo Máximo, que sucumbiu após um grande incêndio em Roma. Esse espaço destinado ao

divertimento do povo daria lugar ao grande Coliseu de Roma, cujas ruínas se encontram hoje para visitação pública.

Para Torres (1998), as apresenta es foram marcadas pelas excentricidades de homens nórdicos, animais exóticos, engolidores de fogo, e gladiadores (lutadores profissionais que participavam de espetáculos de combates armados nos antigos circos e anfiteatros romanos).

2.4- UMA NOVA ERA

Dando um salto   Idade Média, surgiram os espetáculos aos quais hoje chamamos de "circenses". A proeza do circo, nesta fase, está na união das famílias circenses nos festejos em praças públicas, onde trocam momentos de alegria por comida, bebida, moedas, roupas, inclusive um lugar para dormir (GUZZO, 2004, p.19).

Porém,   preciso ressaltar a importância de artistas nômades chamados de saltimbancos que também se apresentavam em praças, festas públicas e carnavais. Esses artistas, viajantes ambulantes da Idade Média, eram homens com habilidades diversas e extrema força física, que se arriscavam em movimentos gin sticos acrobáticos.

Para Guzzo (2004), a imagem desses artistas de rua, para o povo da época, era a idéia de um corpo livre, forte e ao mesmo tempo grotesco, uma mistura de fascínio pelas suas apresenta es públicas e ao mesmo tempo de repúdio por serem ambulantes sem destino.

A rela o entre os saltimbancos e as famílias de artistas circenses motivou novos espetáculos e possibilitou a instala o de novas companhias, bem como o aprimoramento de outras artes com o corpo e aquisi o de novos elementos acrobáticos. Nos números circenses, não há disputa e nem vencedores, mas uma proeza na introdu o de outros elementos nos espetáculos circenses com caráter de diversidade e espontaneidade.

Atribui-se a cria o do circo moderno a um militar da Cavalaria Britânica, Philip Astley, pelas inova es no picadeiro com vários tipos de representa es. Com volteios, cavalos orientados obedeciam   voz de comando do seu domador,

executando evoluções com e sem obstáculos e no dorso do animal eram realizados exercícios acrobáticos.

Vale ressaltar que o próprio Astley dirigia e apresentava seus espetáculos, criando assim, a figura do mestre de cerimônias.

Para Carvalho e Mota (2000), o espetáculo de circo moderno foi concebido a partir do momento da introdução de cavalos. Símbolos de nobreza naquele tempo eram tão importantes que não se podia imaginar um circo sem eles, o que motivou o poético nome “Circo de Cavalinhos”. Mais tarde essa prática circense tão apreciada com cavalos passou a entediar o público e exigiu novas atrações, como a introdução de números acrobáticos.

Os elementos artísticos exigiram a busca de adereços e novos figurinos. Ocorreu a inserção da música e a iluminação com tochas de fogo nas performances circenses, as habilidades no domínio de objetos acrobáticos, trapézio e equilíbrio, os truques de magia e o controle sobre feras.

Nesse período as artes corporais começaram a recobrar seu espaço, voltando pouco a pouco à realidade cidadã. Os primeiros circos clássicos foram construídos em anfiteatros permanentes, nos grandes centros urbanos.

Para Bolognesi (2003), as apresentações marcadas na França para o Rei Luiz XV (1774) e a Rainha Maria Antonieta (1783) levaram o circo à aristocracia. O circo, nessa época, com suas grandes apresentações e desempenho de artistas teve seu ápice.

O sucesso e as proporções dos espetáculos fizeram com que Astley, suboficial da Cavalaria Britânica, instalasse seu circo em plena Revolução Francesa. O espetáculo circense, nesse tempo, era destinado aos aristocratas e à burguesia. Dessa forma, o circo não tinha nada de popular.

Astley, munido de experiência, disciplina militar e poder criativo passou a organizar espetáculos por meio de companhias que viajavam ao redor do mundo, encantando as pessoas com os seus trabalhos artísticos. Por onde passava, Astley deixava a sua marca com novos números circenses, incorporando artistas e fazendo história.

2.5 - O CIRCO NO BRASIL

No Brasil, as atividades circenses vindas da Europa começam a se organizar com grande influência de famílias francesas, espanholas, portuguesas e italianas. O aparecimento dessa arte entre as tradicionais famílias proporcionou um intercâmbio de conhecimentos e diversificaram-se as modalidades e estilos.

Bolognesi (2003) refere-se aos primeiros circos no Brasil a partir do século XVIII. Eram artistas ambulantes que freqüentavam as festas religiosas. Faz também alusão aos ciganos instalados nos arredores das cidades brasileiras. Com isso, a preservação da cultura circense no Brasil somente aconteceu com a persistência de grupos familiares, sobreviventes ao preconceito contra as grandes armações de lona.

As famílias que se dedicaram às atividades circenses no Brasil envolveram seus descendentes na realização da montagem dos espetáculos. As crianças eram iniciadas na prática das atividades circenses com pequenos números, sendo preservada assim a transmissão do saber circense e seus ensinamentos, garantindo dessa forma a sobrevivência da arte e da tradição do circo.

Para Torres (1998), a tradição circense no Brasil, segundo seus registros, organizou-se com a permanência de artistas estrangeiros em suas apresentações nas terras brasileiras. Espalharam-se pelo país e começaram a montar grupos e a vender espetáculos para o entretenimento do público em geral. Destaca-se a influência de um convívio festivo nas apresentações do circo no Brasil valorizando a presença marcante do palhaço em suas peças teatrais cômicas e com vistas a ridicularizar os personagens do dia-a-dia.

Segundo a tradição circense, o primeiro circo a chegar ao Brasil foi o Circo Bragassi, por volta de 1830. No entanto, já existiam em solo brasileiro, pequenos grupos que improvisavam números artísticos arrancando risos de populares. Um dos destaques do circo no Brasil era o palhaço, personagem de cara pintada, enfatizando o ridículo irreverente. Era o personagem que encantava com seus trejeitos, tendo como único objetivo buscar o riso. Tanto podia usar um figurino próprio e caracterizado pela utilização de uma máscara, quanto usar expressões vocais e corporais.

De acordo com Bolognesi (2003, p.53):

O palhaço é figura central dos espetáculos, ele é o personagem responsável pela insolência e irreverência que é capaz de satirizar a todos e a tudo, especialmente às instituições. Ele tanto participa das entradas, ou mesmo de outros números, da primeira parte, como também está presente nas peças e nos shows que compõem a segunda parte do espetáculo, com as mais diversas funções.

A arte da pantomima sobrevive por meio da história, ao deixar uma cultura de vida circense para as próximas gerações. A graça e o riso deixam personagens que ilustram o cenário, conforme os estudos de Carvalho e Mota (2000). Para esses autores, os palhaços são personagens ilustres que utilizam o rosto coberto de cores vibrantes, do vermelho ao branco e preto, de riso solto e alegre, que em tardes de domingo desfilavam suas interpretações no cenário da animação, tais como, Abelardo Pinto (PIOLIN); Waldemar Geysel (ARRELIA) e George Savala Gomes, o nosso saudoso CAREQUINHA.

Esses artistas, por intermédio de um repertório cômico, interagem com o público, fazendo com que participassem do número que estava sendo apresentado, dando especial leveza ao espetáculo.

2.6 - O CIRCO E SUA EXPRESSÃO CORPORAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

O que encantou multidões no passado, de acordo com Souza (2004), permanece atual: a chegada desse espetáculo continua sendo entusiasmada e barulhenta, as crianças acompanham o palhaço cantando versos e o repentino aparecimento de um imenso toldo de lona em algum terreno desocupado. A chegada do circo não deixa de chamar a atenção e de alterar momentaneamente a paisagem e a rotina do bairro, trazendo diversão, música e espetáculos no velho estilo da tradição circense.

Enfim, o circo continua sendo um riquíssimo celeiro cultural de práticas corporais que não se pode deixar descaracterizar ou tão pouco sucumbir à falta de interesse dos nossos governantes e do público em geral.

De acordo com Bortoleto e Machado (2003), a arte das atividades circenses constitui-se a partir de movimentos que são os mesmos utilizados na aprendizagem do esporte, os quais podem ser praticados em níveis de estágios diferentes, do inicial ao elementar, do simples para o complexo.

As atividades circenses inseridas na Educação Física escolar podem despertar os aspectos relacionados à capacidade de expressão corporal e resgatar os reais valores do ser humano, mediante o desenvolvimento da sensibilidade, estética e criatividade, sendo possível a promoção e a interação sócio-cultural.

Ao introduzir as atividades circenses nas aulas de Educação Física, as crianças participam e cultivam a imaginação e a criatividade de forma natural. A aprendizagem ocorre de forma prazerosa, as emoções são despertadas e a plasticidade corporal torna-se o elemento lúdico principal da aula.

Para Santos (2006, p.36), “a prática lúdica na escola é entendida como ato de brincar das crianças, permite um mergulho na cultura e na sua trajetória, ao longo dos tempos acumulando informações”.

Souza (2000, p.02) assegura que:

Através das atividades circenses podemos trabalhar uma concepção de Educação Física mais transformadora, crítica, possibilitando que as crianças criem seus próprios movimentos de maneira espontânea.

Para a autora, a Educação Física precisa oportunizar as crianças momentos de liberdade em que seja facilitado o desenvolvimento social, com movimentos corporais, gestos e sentimentos que lhe dêem prazer e espontaneidade.

Romera (1999, p.79), afirma que:

[...] o rico espaço da Educação Física, como encontro humano de estar abordando a cultura corporal da expressividade na escola. Para tanto se faz necessária uma compreensão diferente da que podemos observar hoje no universo escolar. Uma educação que contemple o corpo de um modo mais leve, mais espontâneo, mais criativo.

É importante observar que na literatura especializada as atividades circenses não são reconhecidas como conteúdo da Educação Física. Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física (PCNS BRASIL, 1997) não as mencionam como conteúdo específico da área de conhecimento.

Segundo Silvia e Betti (2005), conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física (PCNS), a Educação Física trata a expressão corporal somente vinculada às danças, ou seja, o samba, o xaxado, o bumba-meu-boi ou boi-de-mamão, o frevo, danças européias e americanas e as brincadeiras cantadas, entendendo que essas manifestações artísticas de expressão corporal existam unicamente em tal âmbito.

A expressão corporal é uma linguagem com identidade e com conteúdos próprios, mas os Parâmetros Curriculares Nacionais que documentam a Educação Física não abordam as atividades circenses como prática pedagógica do movimento humano.

Nesse sentido, de acordo com Freire, J.B. (2006, p.130):

Na escola tradicional não se pode ser feliz. Nela, a felicidade está por vir, não está aqui. Não faz sentido organizar aulas pretendendo que os alunos sejam felizes, pois elas são apenas preparação para a felicidade que está no futuro [...]. A escola deveria ser uma das instâncias de vida, um lugar, não para preparar para a vida, mas para ensinar a viver vivendo.

Portanto, pode-se dizer que a escola tem como objetivo retirar a alegria, impondo o obrigatório. Os alunos têm de sentar num espaço limitado para se expressar em que o controle do corpo é feito com regras e normas. A alegria, porém, deve estar presente na beleza e na ludicidade, baseados numa espontaneidade seguida pelo íntimo e indivisível ser, a criança.

Apesar de todas as mudanças, a escola atual ainda continua anestesiada diante das propostas inovadoras. De acordo com Bortoleto e Machado, (2003, p. 58):

A pertinência das atividades circenses e a sua localização nos diferentes conteúdos da Educação Física, parece que esse tipo de prática continua sendo abandonada e esquecida, ou seja, o circo e os demais conteúdos expressivos (dança, teatro gestual, etc.) ocupam pouco espaço nas aulas de Educação Física, estando restrito às atividades extra-escolares.

O processo de aprendizagem das atividades circenses na escola, nas aulas de Educação Física, acontece progressivamente. A inserção das atividades circenses explora e estimula possibilidades educativas de movimento, que precisam ser reconhecidas pela disciplina Educação Física no contexto escolar.

2.6.1 - A Educação Física e a sua prática na Escola: O espetáculo não pode parar!

Na vida escolar, a Educação Física congrega, reúne e socializa todo indivíduo, estando comprometida com a aprendizagem do movimento e com a aprendizagem por meio do movimento. É nesse espaço de brincadeiras inseridas num mundo imaginário e de fantasia que a criança estabelece relações com conhecimentos culturais no contexto educativo.

Conforme Bortoleto e Machado (2003), as atividades circenses fazem parte da cultura humana, particularmente da cultura artística corporal, justificando assim sua presença no universo educativo. Dessa forma, o universo cultural da criança amplia-se com a leitura, a escrita e a interpretação do mundo em que vive, com sensibilidade e afetividade, utilizando-se diversas linguagens numa busca incessante de novas aprendizagens e conhecimentos.

Para Freire J. B. (2006), a Educação Física ensina a viver a partir do maior instrumento pedagógico colocado à disposição dos alunos na escola, as expressões corporais, tornando-as criativas e ativas no seu processo de desenvolvimento.

Cabe aqui neste trabalho, promover uma reflexão com os educadores, profissionais de Educação Física, a respeito das atividades circenses como uma ação pedagógica na escola, uma ferramenta capaz de otimizar ações pluralistas, transformando a escola num ambiente motivador e aprazível.

Algumas vezes os educadores pensam que estão certos e comprometidos com a educação, mas ainda estão ligados ao ranço do autoritarismo, alienados do processo de educação para a autonomia, presos a antigos métodos.

Nas palavras de Freire. P. (2005, p. 61): “A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que o respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”.

A Educação Física escolar precisa abrir as janelas da alma para invadir os territórios desconhecidos e aventurar-se nas terras distantes da beleza e dos sonhos da criança: do brincar brincante de heróis, fadas, mosqueteiros, reis e rainhas.

Segundo Arantes (2006), o ponto de partida das aulas de Educação Física é o encantar com alegria e humor. Estes são sentimentos essenciais à vida humana em

nossos pensamentos e ações do dia-a-dia. Portanto, os muros escolares precisam ser abertos a novas propostas e idéias educativas, de realizar sonhos possíveis, sem medo de ir além dos limites da quadra, compartilhando histórias, construindo novos horizontes e significados mediante a partilha de múltiplas experiências culturais.

Freire, J.B. (2005, p. 07) nos questiona quando diz:

(...) como fazer para ultrapassar os muros da escola? Não basta nossa boa vontade, não somos mágicos. Precisamos ter à mão metodologias poderosas, capazes de levar para a distância os ensinamentos da escola, não somente os conteúdos claros, específicos, mas também, e principalmente, aquilo que está por trás dos conteúdos explícitos.

A escola precisa respeitar a bagagem de conhecimento que o aluno possui em seu universo, casa, família, rua. A sua presença na escola deve ser marcada por felicidade, aumentando o seu potencial criativo e humano.

Segundo Goda (2005), as crianças na escola precisam de um espaço físico onde elas aprendam com as suas próprias ações e atitudes e onde possam movimentar-se livremente, criar, construir, edificar experiências educativas. É por intermédio do ensino-aprendizagem que a criança constrói seus próprios conhecimentos. Concordamos com o autor: o abismo entre a escola e o ambiente da criança precisa ser preenchido com novas práticas e com a valorização de novas linguagens.

Afirma o educador Ruben Alves In: *Conversas Com Quem Gosta de Ensinar* (1998, p.37):

Não serão fúteis todas as questões que não dizem respeito ao corpo? E se o homem se entrega a questões, as mais distantes, as mais abstratas, não será por causa – o seu amor ao seu corpo, a sede de sua dor, o lugar do seu amor, a possibilidade do prazer? Weber estava correto ao afirmar que mesmo as pessoas religiosas em busca de um céu no futuro estão, em última análise, pensando e agindo a partir de necessidades do qual e agora. Quem acredita no céu pode dormir melhor e quem confia na providência divina tem menos enfartes do miocárdio.

Na obra acima mencionada, o autor afirma ainda, “E eu me perguntaria se o tão decantado fracasso de nossas instituições e práticas educacionais não se deve à resistência do selvagem que nos mantém rebeldes e se recusa a aceitar a deformação do corpo” (ALVES, 1988, p.37).

O educador realiza os movimentos comandando os alunos, os quais são repetidos fielmente e, nesse momento, há o desconhecimento do processo da prática educativa e da própria educação. É comum encontrarmos em determinados momentos dessa prática alunos que não entendem as ordens, sendo punidos pela instituição com o próprio corpo.

Para uma educação aprimorada, devemos buscar a construção de uma metodologia com atividades contínuas, com articulação, unidade, pesquisa e consistência no ensino, pois a vida é processual, a consciência é determinada pela vida e não ao contrário.

Feliz será o dia em que se puder chegar à escola e presenciar as suas telhas todas coloridas atraindo crianças como ímãs. Lá dentro música e um palco onde acontecem os sonhos e as fantasias das crianças, pois o corpo infantil não pode ser limitado, ao contrário, ele lhes possibilita subir às estrelas e construir arranha-céus.

2.6.2 - As Atividades Circenses na Escola – um sonho possível

A criança que sonha é uma criadora de mundos, é uma inventora de ousadias e utopias. As viagens oníricas que se seguem evocam silêncios e vozes, saberes e poderes, dores e prazeres, sorrisos e lágrimas, dúvidas e certezas, fraquezas e fortalezas, conformismos e resistências (SILVA, 1999, p. 64).

Ao estudarmos as atividades circenses na escola, torna-se necessário remetermos-nos primeiramente à etimologia da palavra circo. Em seu dicionário da língua portuguesa, Silveira Bueno (2000, p. 169) registra a palavra como um anfiteatro circular para espetáculos e o senso comum insinua que “circo” vem de circular, numa alusão à forma circular mais freqüente dos picadeiros, desde o tempo do Coliseu Romano até os tempos atuais.

O circo é uma instituição de maravilhosa complexidade de organização, montagem e desmontagem dos aparelhos, de pessoas, instrutores, iluminadores, costureiras, creche, cozinheiras, artistas, uma aldeia móvel que enfrenta as dificuldades, a fim de manter viva a sua história. Conforme exposto anteriormente, todo conhecimento do circo não pode ficar no anonimato, sendo necessário resgatar essa cultura e a sua presença no universo educativo da escola.

Para Bortoleto e Machado (2003), as atividades circenses são de caráter motriz e de conteúdo pertinente à Educação Física. Consideram que um dos deveres da escola seja transmitir o legado cultural existente.

A escola é um espaço onde as atividades circenses podem ser ilustradas por intermédio de seus elementos: o palhaço, malabares, trapézio, perna de pau, corda cigana, expressões gestuais dos povos da Iona. Uma história de humildes sobreviventes, de uma cultura milenar abandonada em álbuns de fotografias, em enciclopédias e livros em estantes empoeiradas, em bibliotecas da escola.

Essa riqueza de conteúdo das atividades circenses precisa ser redescoberta e contemplada pela Educação Física. Trata-se de um tesouro que o respeitável público infantil precisa aplaudir e vivenciar por meio das cores repletas de gestos e sons que inter-relacionam movimento, criatividade e fantasia.

Para AMES (1999), a escola é um espaço onde novas linguagens precisam ser revisitadas em seus conteúdos escolares, articulados à realidade e ao interesse do aluno, num exercício de pleno incentivo à criatividade.

Dessa forma, a proposta da inserção de atividades circenses na escola, em especial, na disciplina de Educação Física, pode contribuir de forma inovadora, para que os alunos obtenham novas oportunidades de trabalhar o corpo, tanto na condição física quanto na afetiva.

Nessa perspectiva, as atividades circenses abrem novos caminhos, encontram raízes na pedagogia do movimento e começam a transcender o espetáculo que aplaudimos no circo para uma forma educativa e recreativa na escola.

Segundo Bortoleto e Machado (2003), a prática das atividades circenses é constituída por três eixos distintos em seus conteúdos: o recreativo, o educativo e o profissional. Para ilustrá-los sucintamente será mencionada a denominação proposta pelos autores acima citados.

Recreativo: É aquele que inclui as atividades circenses como parte da cultura física em geral, tendo como único objetivo a recreação em seus momentos de lazer fora da instituição escolar. Proporciona aos praticantes um enfoque lúdico, possibilitando uma rica aproximação com a cultura dos elementos do circo. É composto por brincadeiras sem o aspecto técnico em momentos de prazer, diversão e satisfação. As necessidades de recursos materiais, formação específica em circo

dos profissionais envolvidos, recursos motores dos alunos e os cuidados com a segurança são mínimos nesse âmbito, o que permite a qualquer pessoa se envolver.

Educativo: Nesse campo, as atividades circenses são ferramentas relacionadas à vertente educativa, realizadas dentro das escolas como conteúdos curriculares e possibilitam o conhecimento da cultura do circo como enfoque lúdico. O envolvimento do professor com o aluno é fundamental durante a execução dos movimentos.

Esse processo da aprendizagem ocorre na escola como uma fase inicial das atividades circenses, desenvolvendo a criatividade, a comunicação, a interpretação gestual de personagens e a beleza do movimento. Nessa fase, a criança constrói na escola uma estrutura de conhecimento da cultura corporal e envolve-se na história do mundo do circo.

As atividades circenses na escola, envolvendo o material específico do circo, são apresentadas com baixo custo. Equipamentos podem ser construídos por meio de materiais recicláveis. É importante salientar que o aspecto de segurança no manuseio dos equipamentos deve ser evidenciado para que se evitem possíveis acidentes. Diante disso, todos os alunos serão envolvidos durante a execução das atividades como proposta nas aulas de Educação Física escolar.

Profissional: Nessa categoria, as atividades circenses são envolvidas em um repertório amplamente técnico de aperfeiçoamento e preparação física, amplia-se a cultura corporal mediante um treinamento de alto nível de seus praticantes. A estrutura e material específico para a prática de atividades circenses profissionais são de alto custo. É necessário, portanto, um estudo especializado em escolas de circo para a profissionalização e conhecimento da utilização de equipamentos de segurança para as práticas específicas do circo.

Assim, Bortoleto e Machado (2003), fazendo uma relação do ponto de vista da aplicação das atividades circenses e a sua atuação como prática pedagógica, adaptaram uma escala a partir dos estudos de Blanchard e Cheska; 1986 e Bourgeois, 1980, apresentadas a seguir:

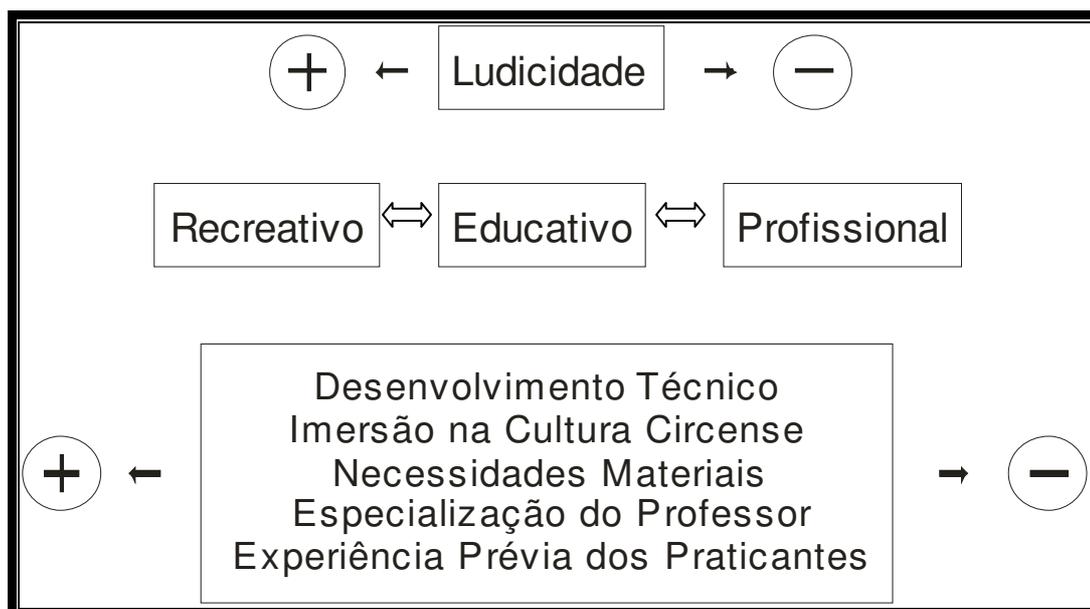


Figura 1 – Escala gradual de conseqüências lógicas
 Fonte: Bortoleto e Machado (2003).

2.6.3 - Os elementos circenses: um celeiro criativo na escola

Com a aproximação dos elementos circenses na escola, possibilita-se um enredo de arte e expressão humana. Nesse sentido buscou-se inserir os alunos no universo da cultura corporal circense a fim de lhes transmitir o conhecimento de forma lúdica e harmoniosa, contendo rico conteúdo motor.

Para entender melhor as atividades circenses na escola pesquisada, utilizou-se uma tabela elaborada por Bortoleto e Machado (2003), baseada em material específico, a qual serviu de padrão de referência para esse trabalho e foi devidamente adaptada.

a) Classificação dos Elementos Circenses

MODALIDADES COM MATERIAL	ELEMENTOS DO CIRCO
TAMANHO GRANDE	TRAPEZIO BÁSCULA RUSSA MASTRO CHINÊS
TAMANHO MÉDIO	MONOCICLO PERNA DE PAU BOLAS DE EQUILÍBRIO TECIDO TRAMPOLIM ACROBÁTICO
TAMANHO PEQUENO	MALABARES ROLO AMERICANO MOEDAS E BARALHO FANTOCHES E MARIONETES ACROBACIAS NO CHÃO
MODALIDADES SEM MATERIAL	CONTORCIONISMO EQUILIBRISMO CLOWN (PALHAÇO) MÍMICA

Fonte: Bortoleto e Machado (2003)

Conclui-se que a partir dos elementos circenses o universo da Educação Física escolar, enquanto disciplina pedagógica, possibilitou um espaço para a produção, a manifestação e o resgate da cultura. Essa prática desenvolveu a imaginação, o pensamento, a motricidade, a afetividade e a capacidade das crianças

de se relacionarem eticamente com os outros. Foram condições essenciais no ensino escolar para que as crianças apreciem e desfrutem as representações circenses.

Com relação aos elementos circenses de tamanhos médio e pequeno, bem como à modalidade sem material, num nível elementar de iniciação, representaram o conjunto ideal das atividades circenses que foram aplicados na escola a partir do nosso projeto de estudo. As exigências técnicas, isto é, aquelas que se referem aos gestos do circo, potencializaram-se neste trabalho de representação das atividades circenses, em que o fator lúdico, a expressividade e a criatividade, hoje em dia, são excluídos do universo infantil nas nossas escolas.

Para Bortoleto e Machado (2003), aplicar as atividades circenses no âmbito educativo da escola, em especial como conteúdo da Educação Física, é criar as bases do futuro público da apreciação de espetáculos artísticos para o aprimoramento do educando como pessoa-cidadã do mundo.

Concorda-se com o autor citado, pois quando a escola assumir o papel de facilitadora do processo de inserção da atividade circense, estará contribuindo não somente para uma prática inovadora de atividades na Educação Física, mas também estimulará a apreciação da arte corporal em todas as suas aplicações.

3- METODOLOGIA

3.1 - A ESCOLHA DO MÉTODO

Esta pesquisa foi fundamentada em procedimentos de pesquisa qualitativa, mais particularmente aqueles vinculados à pesquisa participante, a qual prioriza o envolvimento direto do pesquisador com a pesquisa. Nesse tipo de abordagem a intenção assumida não foi a de generalizar resultados com o estudo de numerosos casos, mas a de construir possibilidades de generalizar novos conceitos e pressupostos levantados por meio da análise aprofundada de um pequeno número de casos.

Nesse sentido, em consonância com Libânio *apud* Antunes (2002, p.13), a respeito da importância do método temos:

Dizer que o professor tem método, é mais que dizer que ele domina procedimentos e técnica de ensino, pois o método deve expressar também uma compreensão global do processo educativo na sociedade: quanto ao fim social e pedagógico de ensino, às exigências e desafios que a realidade social coloca, às expectativas de formação dos alunos para que possam atuar na sociedade de forma crítica e criadora, às implicações da origem de classe dos alunos no processo de aprendizagem e a relevância social dos conteúdos de ensino.”

Para contemplar a metodologia, foram adotados alguns procedimentos necessários no decorrer da investigação, possibilitando a análise do estudo proposto a partir das atividades desenvolvidas neste trabalho. Foram ações de ordem prática e que exigiram critérios bem definidos, buscando respeitar o rigor que o método de uma pesquisa científica exige.

O método aqui apresentado compreende-se enquanto uma trajetória teórica e prática, um caminho a ser percorrido, permitindo ao pesquisador uma aproximação da população a ser estudada, na compreensão dos símbolos e dos significados da pesquisa.

O emprego dos aspectos metodológicos demonstra a sua utilidade no campo da pesquisa, na tentativa de elaborar e organizar situações positivas em programas que influenciem, positivamente, indivíduos e grupos populacionais que se deseja atingir (IERVOLINO, 2005).

De acordo com Minayo (2003, p. 207), “A pesquisa qualitativa responde questões particulares, preocupa-se com as ciências sociais, um nível de realidade que não pode ser quantificado (...)”.

Para a autora, o pesquisador que opta pela metodologia qualitativa, usa a *interpretação* em todas as etapas do trabalho, preocupando-se com o universo da pesquisa com motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Julgou-se mais pertinente a utilização da observação participante, uma das abordagens que encontramos dentro da pesquisa qualitativa. Para tanto, as anotações de campo registraram o maior número possível de impressões sobre as representações da cultura circense na escola.

A utilização da técnica da observação contribuiu para uma análise real do seu contexto, partindo-se do princípio de que o pesquisador teve um grau de aproximação e interação com os sujeitos da pesquisa e o fenômeno estudado.

Segundo Silva (2000), a observação deve ser realizada de forma minuciosa, pois, do contrário, corre-se o risco de ver muito e identificar pouco, enquanto um pesquisador social com idéias pré-estabelecidas acaba vendo apenas os fatos que confirmam as suas concepções forjadas *a priori*. Destaca completando que a observação realizada no trabalho de campo deve ser apurada com rigor, sensibilidade e amíúde, sendo um treino para os olhos do pesquisador.

Nesse sentido, Triviños (1992) revela o envolvimento do pesquisador com a pessoa ou grupo estudado, criando condições privilegiadas para o processo de observação. São medidas valiosas, frente aos problemas da pesquisa qualitativa e na busca de alternativas metodológicas para a investigação.

Para obter o maior número de informações por meio da investigação, foram adotadas técnicas capazes de promover o acesso às representações, optando-se por incluir, além dos registros de campo, entrevistas semi-estruturadas.

Sobre a adoção de entrevista semi-estruturada, Triviños (1987, p. 74) revela que:

É um instrumento de coleta utilizado para obter informações a respeito de questões concretas previamente definidas pelo pesquisador. Ao mesmo tempo, permite que se realizem exploração não prevista oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes.

A entrevista semi-estruturada contribuiu na coleta de dados, permitindo ao pesquisador uma relação efetiva e comunicativa. É importante ressaltar que esse procedimento metodológico forneceu informações detalhadas para a pesquisa qualitativa.

É interessante salientar também que os depoimentos e relatos da pesquisa de campo foram armazenados em um diário de campo denominado “apontamentos circenses” e, durante todas as aulas programadas com as atividades circenses, foram executados depoimentos orais, bem como o registro de comportamentos e expressões dos alunos e alunas, descritos neste trabalho.

É importante considerar que na investigação, ao registrar as observações de campo, foram coletados desenhos ilustrativos e textos narrativos das crianças da 3ª série do Ensino Fundamental, sobre a percepção das atividades circenses na escola.

Segundo GUSMÃO *apud* SILVA (2000, p. 76):

O desenho é uma forma mais significativa de expressão da vivência da ludicidade, pois revela sentimentos e representações em relação às experiências do mundo simbólico-real que se manifestam no cotidiano infantil.

Assim, os desenhos e os textos contribuíram como uma linguagem plástica em que a criança pode dizer o que pensa e sente a respeito das atividades circenses desenvolvidas no contexto escolar.

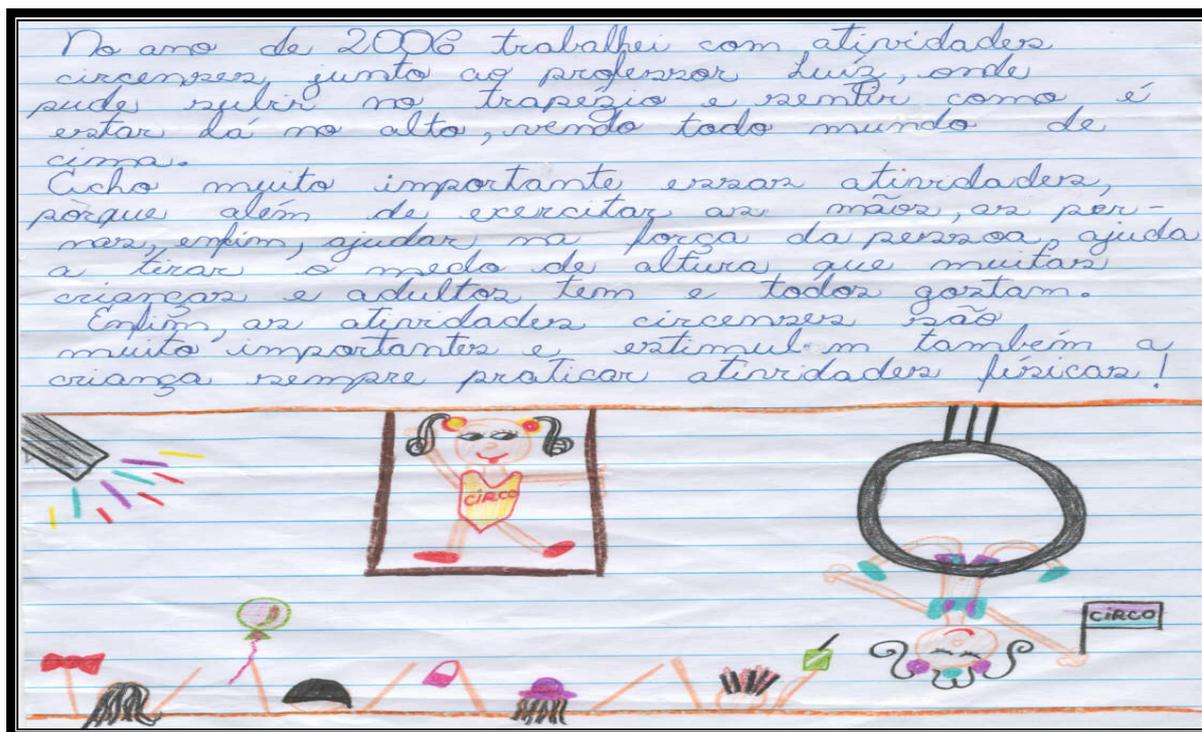


Figura 2 – Desenho e texto de criança
 Fonte: Autor (2007).

Os desenhos das crianças durante a pesquisa constituíram-se em instrumentos valiosos para a busca das informações necessárias ao estudo das atividades circenses. Foram registros fundamentais cuja linguagem, em diferentes momentos, enriqueceu o trabalho.

Além dos procedimentos metodológicos descritos anteriormente, algumas etapas foram percorridas e organizadas do seguinte modo:

Visitas em circos instalados nas cidades de Joinville, Jaraguá do Sul, Balneário Camboriú, Blumenau e Guaramirim, no Estado de Santa Catarina. Tiveram um significado especial nesta pesquisa, pois a partir delas pode-se observar a beleza do espetáculo mais simples ao mais sofisticado.

Foi possível também a convivência com muitas famílias dos circos, possibilitando o conhecimento da história de vida de cada componente e dos povos da lona. Descortinou-se um lado da cultura popular que precisa ser resgatada, apreciada e, por fim, valorizada.

Para Teixeira (2006), O reconto oral é um exercício que possibilita a aproximação da linguagem com a que se escreve. É escrever a história e seus avanços.

Para Fantin (2000, p.69):

O homem experiência, acumula e transmite a experiência, enfim transcende no tempo, e nesse processo a questão da cultura e do grupo social vai ser determinante nas concepções e expectativas de interações que vão se estabelecendo de geração a geração. Dessa forma cada geração vai tomando contato com os objetos e fenômenos criados pelas gerações anteriores e as pessoas vão-se colocando diante de uma imensidão de bens acumulados ao longo dos séculos.

Sendo assim, a proposta em resgatar as atividades circenses na disciplina de Educação Física vem justamente, entre outras pretensões, transmitir a cultura circense por meio de atividades motrizes no diversificado mundo da arte e sua beleza.



Figura 3 – Visita ao circo instalado na cidade de Joinville-SC
Fonte: Autor (2007).



Figura 4 – Materiais das atividades circenses
Fonte: Autor (2007).

Durante as visitas, realizaram-se momentos de espetáculos na escola com famílias circenses. Foram repassados às crianças os saberes e as práticas presentes na memória do circo no Brasil. Houve sessões de filmes relacionados ao circo num encontro de artes do corpo. Confeccionaram-se materiais para a prática de atividades circenses, bem como elaborados conteúdos para a inclusão das atividades circenses nas aulas de Educação Física.

3.2 - SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos desta pesquisa foram dezesseis alunos, na faixa etária entre oito a nove anos, estudantes da 3ª série do Ensino Fundamental da Rede de Ensino Particular no Município de Joinville na região Norte do Estado de Santa Catarina, sendo a maioria oriunda de famílias de nível sócio-econômico médio a alto.

A pesquisa numa escola particular partiu do interesse do pesquisador, que trabalha há vinte anos como professor de Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental nessa instituição.

Deve-se ressaltar que a escolha do pesquisador por uma 3ª série para a realização dos estudos com atividades circenses na escola, deve-se ao fato de ser

nessa fase, do período entre os oito a nove anos, que a criança se encontra sensível e propícia a novas experiências, quando prevalecem as preferências de gênero na sua relação com o conhecimento.

Após adquirir uma bagagem de vivências culturais, sociais e motoras no dia-a-dia, é o momento de organização do seu “eu”, tendo como pano de fundo, referenciais de identificação das semelhanças e das diferenças no contexto escolar, na construção da cidadania. É a fase onde a criança dá um salto qualitativo nesse ciclo escolar de aprendizagem, quando começa a categorizar os objetos, classificá-los e associá-los (SOARES et al.,1992, p.35).

Para Freire e Scaglia (2003), após dois anos na escola, percebe-se com nitidez mudanças na criança. No entanto, são ainda crianças. As maiores mudanças decorrem do fato de que, após dois anos exercitando suas mudanças motoras, morais e sociais, é nesse período que promovemos às crianças experiências de aceitação do mundo, fazendo que compreendam a natureza e a complexidade humana, estimulando-as às relações interpessoais, além de prepará-la para ser feliz. As suas atividades no espaço escolar dirigem-se tanto à solidariedade da coletividade quanto ao individual.

3.3 - OS PROCEDIMENTOS DE COLETA

Antes da coleta de dados, a direção da escola foi contatada para explanação do estudo e obtenção de autorização. Também foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, UDESC. Somente com os documentos de autorização em mãos o estudo foi efetivamente iniciado. A coleta de dados recorreu a um diário de campo intitulado “Apontamentos Circenses”.

As atividades circenses foram desenvolvidas uma vez por semana, com duração de uma hora em cada sessão, de acordo com o combinado com a coordenadora pedagógica da escola, sendo depois descritas em um diário de campo, conforme a observação direta do pesquisador.

As crianças participaram, em vários momentos, de diferentes atividades do mundo do circo na escola. Foram orientadas para observarem dados relevantes em suas atitudes durante sua participação com os elementos circenses.

Também foram aplicadas pelo autor entrevistas semidirigidas com os pais das crianças e com o professor de Educação Física da turma a fim e verificar a percepção deles sobre o desenvolvimento das atividades circenses durante a aplicação do estudo.

Para a obtenção de informações sobre o desenvolvimento das crianças, foram utilizados como instrumentos, além do diário de campo e o roteiro de entrevistas semidirigidas, uma matriz observacional para guiar os relatos do diário de campo e uma câmera fotográfica para registrar as atividades. No decorrer das mesmas usaram-se materiais específicos da técnica circense e materiais construídos pelo próprio pesquisador.

Para Turato (2003, p.308):

A entrevista é um instrumento precioso de conhecimento interpessoal, facilitando, no encontro face a face, a apreensão de uma série de fenômenos, de elementos de identificação e construção potencial do todo da pessoa do entrevistado e, de certo modo, também do entrevistador". A entrevista foi ser realizada em uma sala reservada ou nas dependências da escola, escolhidas pelo próprio entrevistado.

As entrevistas semidirigidas devem iniciar com o estabelecimento do *rapport*, o qual pode ser definido como um sentimento consciente de acordo, simpatia, confiança e responsabilidade mútua entre uma pessoa e outra. CAMPBELL *apud* TURATO (2003, p. 83), ou seja, trata-se de "quebrar o gelo", firmando um canal aberto e amigável em que transcorrerá uma interlocução mais espontânea.

Durante as entrevistas foi utilizado um minigravador. O uso do gravador como material de coleta de dados é justificado pela eficácia em registrar a entrevista na íntegra, deixando o entrevistador à vontade para observar não apenas as falas dos sujeitos, mas também suas expressões faciais, gesticulações, entre outras formas de comunicação não-verbais que se apresentam como importantes registros para a análise do "não-dito" entre as palavras. As perguntas devem convidar o sujeito a falar livremente sobre as relações do tema central com aspectos ligados à realidade vivenciada.

É importante salientar que as falas foram transcritas literalmente, gravadas a partir dos depoimentos dos atores. Na transcrição, fizemos o uso do *itálico* para situar os depoimentos no tocante às vivências dos nossos atores durante a pesquisa. As expressões figurativas ou confusas são apresentadas, quando dentro da fala, entre parênteses, nas falas incompletas usaram-se as reticências.

Sobre a Matriz Observacional das práticas circenses, percebeu-se a necessidade de elaborar uma matriz de observação direta, contendo categorias que facilitassem a descrição das atividades, não permitindo que se perdessem detalhes significativos sobre os aspectos do desenvolvimento das crianças.

Segundo Turato (2003), as técnicas da observação ocorrem voltadas para o registro em papel dos aspectos relevantes do comportamento global e das reações promovidas pela atividade proposta. Esse tipo de registro foi executado pelo pesquisador ao término de cada atividade para que não corresse o risco de ser traído pela própria memória. As Fotografias foram tiradas durante as atividades por meio de uma Câmera Digital, permitindo assim um retrato fidedigno da realidade observada pelo autor durante as aulas.

3.4 - TRATAMENTO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados destacou os pontos constantes nos discursos dos entrevistados, distinguindo os assuntos por relevância e por repetição, e organizando os dados em categorias para posterior análise e discussão, conforme sugere Bardin (1979). Os nomes dos entrevistados foram retirados, com o objetivo de preservar a identidade das crianças. Foram utilizados cognomes de palhaços criados em uma das atividades circenses pelas crianças no decorrer do nosso trabalho.

A primeira atividade de abordagem do material coletado foram as leituras flutuantes. Essa atividade consistiu numa fase que bem podemos chamar de pré-análise, tratando-se do estabelecimento de contato com os documentos a serem analisados e do conhecimento do texto, deixando-se invadir por impressões e orientações, fazendo com que, pouco a pouco, o alvo da leitura ganhe clareza em nossa consciência. (BARDIN *apud* TURATO, 2003).

Após as leituras de assimilação de todo o material, destacamos pontos constantes nos discursos dos entrevistados, distinguindo os assuntos por relevância e por repetição, transformando os dados brutos em organizados.

4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão discutidos e comentados os resultados da pesquisa desenvolvida na escola com as crianças da 3ª série do Ensino Fundamental. As análises foram direcionadas a partir da organização do material coletado, como o diário de campo, os depoimentos das crianças, do professor e dos pais. Foi realizada uma pré-análise em busca de uma construção de categorias. Relativamente ao conteúdo, foram classificadas as respostas, codificados e elaborados os indicadores para a interpretação final.

Serviram de referência para as análises: o diário de campo; os desenhos ilustrativos das crianças sobre as atividades circenses, desenvolvidas no período da pesquisa; as narrativas escritas e orais e os desenhos e fotografias, apresentados como ilustrações do estudo de campo.

De acordo com Viana (2003), o uso de imagens com a câmera fotográfica no ambiente escolar costuma causar certa inquietação, fato que pode interferir no próprio comportamento e atitudes dos sujeitos. As imagens foram devidamente autorizadas e captadas no desenvolvimento do trabalho. Fato curioso foi a eventual inquietação das crianças durante o contato com a câmera; muitas vezes eufóricas, perdiam sua naturalidade.

A pesquisa teve o seguinte percurso durante a apresentação e discussão dos resultados:

1ª Etapa – Apresentação e discussão dos dados obtidos por meio do diário de campo das crianças, atores da pesquisa.

2ª Etapa – Apresentação e discussão dos dados obtidos por intermédio das falas das crianças durante a execução dos elementos circenses.

3ª Etapa – Apresentação e discussão dos dados obtidos na entrevista com os pais por meio de pergunta norteadora.

4ª Etapa – Apresentação e discussão dos dados obtidos mediante uma pergunta norteadora ao professor de Educação Física, responsável pela turma. Esse depoimento foi considerado importante por permitir a interpretação do professor que

acompanhou o trabalho e esteve presente em todo o processo de abordagem pedagógica das atividades circenses desenvolvidas.

4.1 – O NOSSO CAMINHAR

Para falar sobre as atividades desenvolvidas no espaço destinado à prática das atividades circenses, buscou-se um novo olhar ao refletir sobre a prática da Educação Física no contexto pedagógico-educacional. Durante os encontros realizados com as crianças da 3ª série do Ensino Fundamental, estas demonstraram grande motivação diante da utilização de materiais coloridos relacionados à magia do circo. Elas puderam vivenciar experiências criativas e apreciar a cultura circense, essa prática tão distante do universo escolar, principalmente do universo da Educação Física.

Uma boa proposta pedagógica nas palavras de Freire, J. B. (2001, p.114), “(...) é aquela em que a criança vacila diante das dificuldades, mas se sente motivada a superá-las, com seus recursos atuais, garantindo as estruturas necessárias para níveis mais elevados de conhecimento.” A proposta foi aplicada com as crianças por meio de representações das atividades circenses, registradas no diário de campo dividido em vários atos, os quais se relatam a seguir:

Ato I – O encontro com as crianças **Diário do campo – 18/08/2006**

O espetáculo estava prestes a começar. Foi o primeiro encontro com as crianças da 3ª série do Ensino Fundamental. Era grande a expectativa para a realização de um sonho magnífico que nasceu de uma paixão pela arte circense.

Para tanto, vale salientar que os primeiros passos desse trabalho entre o movimento corporal e a diversidade das atividades circenses foram construídos na escola de diferentes maneiras. O criar e o recriar ultrapassaram as fronteiras da imaginação de um mundo deslumbrante de risos, acrobacias, músicas e

personagens, revivendo o encontro de gestos e expressões na Educação Física escolar.

Nesse sentido, Souza (2004, p.103), destaca: “Quando a criança brinca, ela se apropria de um mundo onde pode intervir de modo a criar e recriar situações de seu cotidiano”.

Naquele dia, desci pela rampa de acesso às salas de aula na instituição onde leciono há vinte anos como professor de Educação Física. As crianças, os atores desta pesquisa, a professora tutora da turma e o professor de Educação Física, aguardavam-me.

Conforme havia sido combinado com a coordenadora, as atividades seriam desenvolvidas numa turma do período vespertino. O picadeiro, que seria o palco das atrações circenses, foi redimensionado para a quadra, um espaço onde a expressão humana poderia ser vivenciada de corpo inteiro.

A cada passo que dava estava mais próximo da fusão entre arte e movimentos, como saltar, girar, agarrar, alcançar e ultrapassar os desafios dos limites do corpo. Ao abrir a porta da sala como se fossem as cortinas de estréia de um grande espetáculo teatral, vivenciei momentos de aplausos vindos de uma platéia encantadora e entusiasmada. Estavam todas as crianças concentradas para ouvir como seria a participação delas nas atividades circenses e conhecer o imenso tesouro de atrações motrizes do mundo do circo.

Nesse dia, sentei-me numa das cadeiras no centro da sala e as crianças ao redor em forma circular. A conversa foi longa para que não se perdesse nenhum detalhe. Algumas crianças anotaram em seus cadernos as orientações para o nosso trabalho. Então, surgiu a primeira pergunta de um garoto com olhar de curiosidade:

– *Olá professor!* - cumprimentou o garoto. - *posso fazer uma pergunta?*

Respondi sorridente:

- *Claro! Tire as suas dúvidas antes de iniciarmos o nosso trabalho.*

- *Quando vamos começar as atividades circenses?*

Respondi que as atividades seriam iniciadas após um estudo sobre o circo e sua história.

Uma garota levantou a mão ansiosa:

- *Professor as atividades são difíceis de aprender?*

Expliquei que seria fácil e que dependeria do desempenho de cada criança. Iniciaríamos por etapas no processo de aprendizagem dos elementos circenses.

Num segundo momento uma criança curiosa me questionou:

- *Professor, você mora dentro de um circo?*

Surpreso com a pergunta disse-lhe que não era de família circense, mas sim um estudioso na área.

Esses questionamentos aconteceram durante o período em que permaneci em sala. Incluíram curiosidades sobre o circo e a sua fábrica de ilusões, seu modo de envolver as pessoas em sonhos fantásticos de entretenimento ao desdobrar a lona, ao fincar as estacas, abrirem o palco e descobrirem o universo maravilhoso de gestos e movimentos.

As informações foram importantes para iniciarmos a pesquisa de campo, contribuindo também para o desenvolvimento interpessoal. Criou-se um laço de companheirismo e afetividade que colaborou com o processo de educação das crianças.

Ato II – Era uma vez... Contação de histórias. Diário de campo – 25/08/2006

Contar histórias para crianças é alimentá-las de aventuras a cada palavra, rima ou poesia. Folhear as páginas de um livro é entrar no mundo da imaginação, é abrir as portas para novas descobertas. Naquele dia, em tempos de outono, a chuva lavava as calçadas, ruas e jardins floridos de ipês amarelos e rosas típicas da nossa região, dando um tom todo especial àquela estação.

As crianças então não puderam brincar no pátio e foram conduzidas ao ginásio pelo professor de Educação Física da turma. Sentadas em círculo e com os olhos brilhantes de curiosidade, perguntaram:

- *Que surpresa é esta? Um presente para nós?*

Havia preparado uma caixa de surpresas toda forrada com papel colorido para contar a história do circo. Dentro dela, a fim de aguçar ainda mais a curiosidade das crianças, coloquei uma lanterna para proporcionar um clima de suspense. Lá escondi um livro de literatura infantil que nos conduziria ao mundo encantado do circo, repleto de histórias e personagens. O livro era de autoria de Lalau e Laura Beatriz, da Companhia das Letrinhas. Então expliquei que a nossa aula seria um

pouco diferente dos outros dias. Com ar de suspense, passei a caixa de surpresas para cada criança.

Na roda, algumas crianças sacudiram-na, olharam-na por todos os lados, levaram-na até os seus ouvidos. A vontade era de poder abri-la rapidamente, mas como toda brincadeira possui regras, não puderam fazê-lo.

Perguntaram:

- *O que tem lá dentro professor?*
- *Coisa de comer?*
- *Faz barulho?*
- *Acho que é um brinquedo! - disse uma menina.*
- *E então? - perguntou um aluno. - Professor abra a caixa!*

As crianças não estavam entendendo nada. A luz da lanterna que deixei ligada refletia o seu brilho em clarão e a grande surpresa. Devagar, bem devagar abri a caixa e um livro de aventuras apareceu - um livro que permite à criança criar um mundo de fantasias, construindo uma ponte entre o real e o imaginário.

É interessante ressaltar aqui a importância do livro também nas aulas de Educação Física. A contação de histórias, a leitura de poemas, de lendas ou contos servem de ilustração para os momentos de encantamento e emoção. A cada página do livro, por meio de suas histórias, personagens e ilustrações era revelada às crianças a alma do circo. Como a idéia básica desta pesquisa é verificar as possibilidades de inserir no currículo escolar, mais especificamente nas aulas de Educação Física, os elementos da cultura circense, começou-se a fazer isso sutilmente, por intermédio das histórias de um livro, introduzindo lentamente na imaginação das crianças essa cultura da lona.

Gallardo, (2007, p.7), comenta que:

Em relação aos Elementos das Artes Cênicas, que por suas características podem contribuir com nossa área, esses são muito abrangentes, no entanto acreditamos que um dos mais importantes sejam as Artes Circenses, já que através destas artes podemos dar novos significados a cada um de nossos conhecimentos e habilidades físicas, bastando imaginar um determinado personagem do mundo do circo e imitá-lo com nosso nível de domínio.

Ato III - Luz, câmera, ação... A sétima arte vai à escola **Diário de campo – 01/09/06**

As imagens do cinema sempre possibilitaram em minha infância tardes de domingo com encontros inesquecíveis, que começavam com o soar do gongo, dizendo que o filme estava prestes a começar. Lanterninha, pipoca e pessoas tropeçando nos pés ao sentarem-se nas poltronas.

Assim, resolvi preparar uma sessão de cinema para as crianças. Aproveitei os filmes da famosa trupe canadense da companhia Cirque Du Soleil, que estava de passagem pelo Brasil durante aquele mesmo ano.

O cinema abre novos caminhos, imagens e signos que mesclam uma linguagem fascinante e aproxima o ilusório do real.

Ao incluir a imagem artística do cinema como meio pedagógico para ilustrar o nosso trabalho, foi preciso fazer uma pesquisa de filmes ilustrativos do circo como estratégia de introdução ao trabalho das atividades circenses na escola. Na véspera, colocou-se em frente à sala de aula um cartaz que anunciava a estréia do filme.

O filme escolhido, La Nouba, apresenta o encontro de dois mundos, o mundo do circo e o urbano. Durante a sessão, a platéia ficou atenta aos detalhes acrobáticos, figurinos e efeitos especiais. Os elementos do circo, da música, do teatro e da dança interagiram com as crianças por meio das cenas. Acompanharam emocionadamente os movimentos dos artistas e aplaudiram no final do filme. Percebi nesse dia a importância de levar para a turma filmes temáticos, obras imortais que descrevem o mundo do circo e das trapalhadas do palhaço a fim de compor um estilo diferente de fazer circo sem o uso de animais. Após a exibição, as crianças fizeram uma releitura escrita do filme. Seguem algumas frases registradas pelas crianças:

- *Foi divertido é bem legal uma fantasia para rir e se divertir.*
- *O filme foi maravilhoso, legal porque eles treinam e fica muito, muito bom e a gente fica de boca aberta.*
- *O circo do filme é um conjunto de alegria felicidade e entretenimento recheado de surpresas e o circo é legal sem animais.*
- *O palhaço é só brincadeira e gargalhada.*

As falas das crianças mostraram o quanto elas acabaram se envolveram com o filme. Pôde-se perceber como trabalhar com filme em sala de aula enriquece a consciência cultural da criança, estimulando-as a aprender, analisar e a gostar da sétima arte.

De acordo com Freire, J. B. (2001, p.37):

Viajando pela fantasia a criança vai longe. Conhece coisas que nós adultos já vivemos e esquecemos, e muitas vezes vai além de quase todos os adultos. No entanto há pessoas mais velhas que enveredam pela ficção e são capazes de trazer de lá conhecimentos e revolucionar o mundo. É uma pena que os homens sempre esqueçam de suas fantasias e sonhos!



Cirque Du Soleil La Nouba

Cirque Du Soleil La Nouba (DVD)

HOJE! - Estréia às 16h em ponto. Hoje!
Belíssima Matinê - Mesmo que chova.

A Famosa Trupe Canadense de Quebec, que percorre o mundo, possui um vasto repertório de comédias e dramas, *trapezistas e muito mais.*



*Entre no mundo mágico do circo.
Aqui tudo é possível, sonhos tornam-se realidade e talentos vão do comum ao extraordinário. Você vai encontrar: palhaços, bailarinas.*

Balto - Cômico que detona gargalhadas

Entrada Franca - Censura Livre

Camarote: R\$

Cadeiras numeradas: R\$

Geral: R\$

Os Afamados artistas que tudo fazem. Sucesso Garantido!!!!!!

Figura 5 – Luz, Câmera e Ação – a sétima arte vai à escola (Cartaz de divulgação da estréia do filme “La Nouba” na escola)
Fonte: Autor (2007).

Ato IV – A arte de criar
Diário de campo – 15/09/2006

Cheguei à escola no horário do recreio. O mormaço era forte e o futebol corria solto na quadra. A molecada corria de um lado para o outro enquanto o suor escorria pelos rostos. Observei naquele momento manifestações de felicidade, fruto do exercício constante da convivência social entre meninos e meninas.

O som do sinal foi abafado por gritos de gol. Crianças pulavam corda e o grito de:

- Oba, hoje vamos ter atividades circenses na escola, o Luiz acabou de chegar!

Snyders (2001, p.12), comenta a respeito da importância da alegria no ambiente escolar: “Eu gostaria que os testemunhos de alegria na escola aparecessem como índices precursores, propondo por meio de exceções o que a escola poderia vir a ser em geral”.

Vale ressaltar que estabelecer contatos com as crianças não somente na sala de aula, mas também durante o recreio, contribuiu para a interação com o universo a ser pesquisado, estreitou as relações afetivas com os atores do trabalho. As crianças ficaram encantadas com a minha chegada, os seus olhares brilhavam, criando uma atmosfera de conforto e responsabilidade.

Na escola foi interessante também observar a rotina do dia-a-dia. As filas, por exemplo, não faziam parte do cotidiano das crianças. Após o sinal que anunciava o término do recreio, elas caminhavam livremente até a sala de aula, guardavam seus pertences, lancheiras, figurinhas e revistinhas em quadrinhos. O professor de Educação Física já estava na quadra à espera delas. Quando lá chegaram, sentaram-se em círculo e o professor comentou:

– Prepare-se turminha! A aula hoje será ministrada pelo professor Luiz.

Percebi então pelos gestos e expressões faciais demonstrados que os corpos brincantes do recreio, repletos de energia, não apresentavam cansaço, mas ainda mais sede para brincar.

A importância do brincar vem sendo valorizada no contexto escolar como um instrumento pedagógico, para Moyles (2002, p.41) “Acima de tudo, o brincar motiva.

É por isso que ele proporciona um clima especial para a aprendizagem, sejam os aprendizes crianças ou adultos”.

Primeiramente estabeleci com as crianças uma conversa inicial. Comentei sobre as atividades da aula anterior. Foi um momento de reflexão para dar continuidade à proposta da minha pesquisa. Sob minhas orientações, as crianças percorreram os espaços vazios da quadra em várias direções. Logo, propus a elas alguns desafios como: correr para frente, correr para trás, rolar pelo chão, para o lado, sem a corrida tradicional, um atrás do outro. Nesse diálogo corporal as crianças criaram sensações e emoções de liberdade num clima de muita felicidade, estampada em seus sorrisos abertos. Foi possível constatar isso por meio de suas falas:

- *Veja Luiz, eu pareço uma bailarina, salto, danço até dou piruetas.*

- *Olha, eu ando como um homem bem grande, desses jogadores de basquetebol.*

- *Eu ando pesado, corro como o meu cachorro, até faço pipi no poste.*

- *Olha aí! Eu ando nas nuvens, sou como uma pena estou pisando em ovos.*

As atividades transcorreram em clima de festa. Em seguida partimos para uma outra atividade, ensinei-lhes a música da borboleta Eufrida.

Eufrida, Eufrida é uma borboleta azul.

Eufrida, Eufrida é uma borboleta azul.

Ela é azul e voa assim

Mexe as anteninhas piscando para mim

Mas eu amo e como amo

E gosto dela assim de asas abertas

De asas fechadas Piscando para mim.

(Domínio público)

Comentei com as crianças que a borboleta era minha e fizera uma visita à escola. Acrescentei que devíamos contemplar a natureza observando-a, prestando atenção na beleza das flores e dos outros seres. Mediante um exercício de imaginação, pedi às crianças que em total silêncio observassem o seu vôo a partir da minha orientação.

- *A Eufrida está no alto, bem alto, está no chão, voou para a parede, subiu na cabeça do professor de Educação Física, está na ponta do nariz de cada criança, foi para o pé, está na mão, no coração e foi embora.*

As crianças participaram e construíram na sua imaginação a borboleta azul. Empolgadas, acompanhavam cada movimento das asas abertas, fantasiavam e festejavam cada descanso de Eufrida, entrando assim no mundo do faz-de-conta.

MEEK *apud* MOYLES (2002, p.62), ressalta a importância do faz-de-conta no processo de aprendizagem quando afirma que: “O brincar de faz-de-conta proporciona às crianças não apenas a oportunidade de começar de onde elas *estão atualmente*, como também de usar suas experiências reais e imaginárias para a linguagem e a aprendizagem”.

Para a realização de uma nova tarefa, as crianças teriam de estar sentadas em quatro grupos. Apresentei a elas tampinhas de garrafas plásticas coloridas. Motivaram-se bastante com as cores. Apesar de ser um material pouco utilizado é de uma riqueza lúdica enorme. O material pedagógico foi criado nas Oficinas do Jogo, um projeto orientado e supervisionado pelo Professor João Batista Freire do qual participo há dois anos.

A respeito do material que é utilizado no Projeto Oficinas do Jogo Freire, J. B. (2006, p.8) comenta que:

Nos decidimos pela beleza; as coisas bonitas mobilizam a atenção. Uma aula bonita, um cenário de aula bonito resolveriam esse ponto fundamental. Tantos séculos se passaram e a escola não atentou para esse detalhe. Apenas construímos materiais de aula bonitos, coloridos, chamativos e as crianças passaram a não mais se dispersar, a quererem estar na aula.

As crianças receberam as tampinhas como um presente e tentaram primeiramente se organizarem sentadas. A beleza das cores que seria constante em nossas aulas estimulou o aprendizado e favoreceu a motivação. A sugestão foi a de criar com as tampinhas um personagem conhecido do circo. O que todas as crianças imaginaram naquele momento foi o palhaço. A aula estava empolgante e havia um belo trabalho de equipe, de colaboração verdadeira. Comentei com o professor de Educação Física da turma:

- *Meu amigo, estamos diante de um dos personagens mais queridos pelas crianças. O palhaço é a alma do circo, é o artista da gargalhada brincante.*



Figura 6 – Personagem do circo elaborado pelas crianças a partir do material reciclável distribuído na aula.

Fonte: Autor (2007).

As crianças deixaram a imaginação correr solta, caminhavam seguindo as regras do mundo do faz-de-conta. Como tarefa de casa, pedi a elas que descrevessem as atividades desse encontro.

Num passeio pela exposição dos trabalhos, aplaudimos as obras coletivas do grupo. Foi impossível não se deslumbrar diante da arte de criar com as tampinhas coloridas. O espetáculo encerra-se, “as luzes se apagam”.

Macedo, (2003, p. 12) comenta: “No faz-de-conta aquilo que a criança cria atribui-se aos objetos ou acontecimentos de sua história ou fabulação. Ao mesmo tempo são objetos e acontecimentos que só se tornaram assim pelas criações dela”.

As ações representadas pelas crianças demonstraram uma enorme capacidade de mobilizar a imaginação e de descobrir um mundo diferente por meio das atividades construídas nas aulas de Educação Física. Por si só, isso fortalece nossa idéia a respeito da importância de incluir as atividades circenses nas aulas de Educação Física. O que pode ser mais importante no desenvolvimento de uma criança que a imaginação? Suas ações, suas falas, seus desenhos com tampinhas de garrafa expressaram tudo aquilo que suas mentes estavam mobilizadas a criar.

Ato V – A quadra, um espaço de aventuras.
Diário de campo – 22/ 09/2006

O circo chegou.

A lona colorida atrai

Como um ímã, um impulso.

Lá dentro, é anunciado ao “respeitável público”.

Que o espetáculo vai começar.

O circo resiste para alimentar os nossos sonhos.

(Revista Palco Aberto, 2006).

Após o início da aula, exatamente às 13h30min, eu e o professor da turma entramos na sala de aula para buscar as crianças. Observamo-las. Elas organizavam rapidamente seus materiais.

Os livros e cadernos estavam abertos sobre a carteira para que a professora pudesse verificar a tarefa do dia. Os demais materiais ficavam no armário da escola, pois elas levavam somente o necessário, como o caderno de tarefas e o livro didático.

Nesse dia recebi os trabalhos elaborados pelas crianças que havia proposto como tarefa de casa. As atividades proporcionaram momentos de emoção e felicidade. Algumas crianças leram livremente os seus textos, compartilhando-os com os colegas do círculo.

A próxima etapa da aula estabeleceu-se a partir dessa motivação despertada pela leitura para levá-los a uma atividade prática.

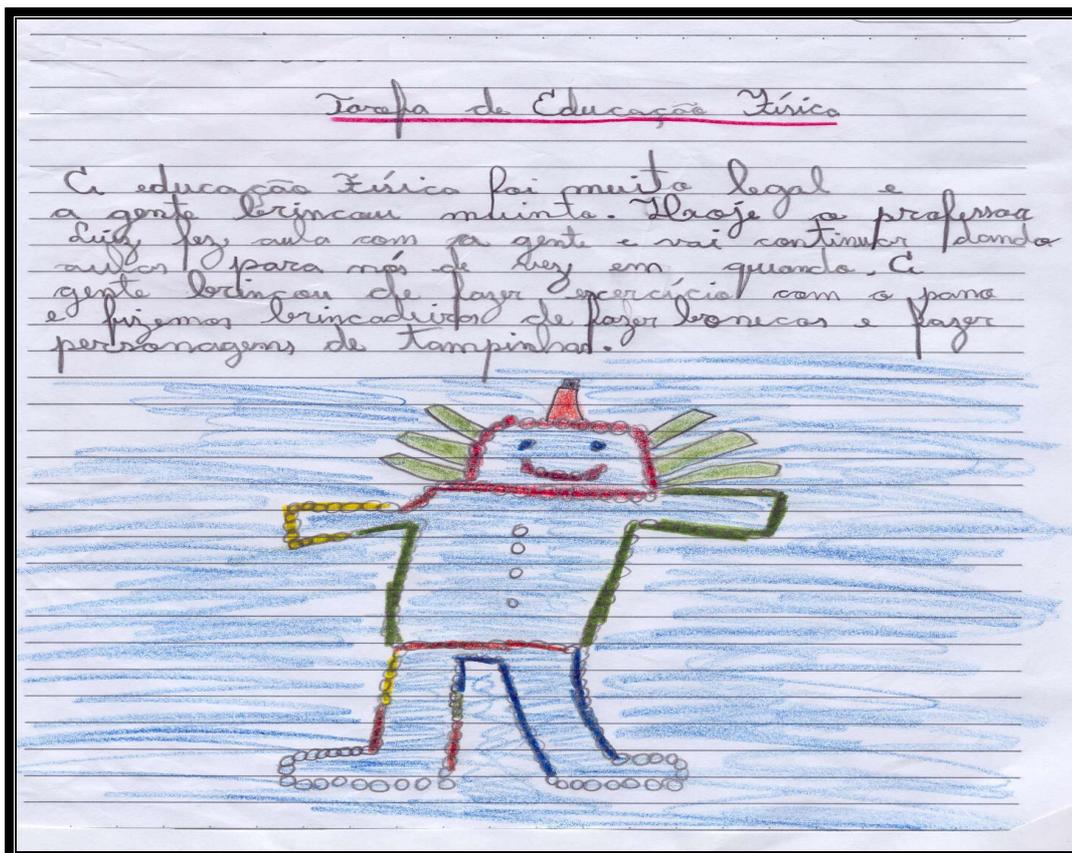


Figura 7 – Texto e desenho elaborado por uma criança. (Ato IV)
Fonte: Autor (2007).

Quando comentei que a aula seria com as tampinhas mágicas, as crianças saíram correndo em direção à quadra. Chegando lá, ficaram esperando sentadas. Um aluno da turma, que apresentava muita dificuldade em relacionar-se com os colegas, saiu correndo pelo corredor da escola.

O professor já o convidara inúmeras vezes em outras situações a se aproximar do grupo e a participar das atividades, mas ele resistia e desafiava seus amigos provocando-os. Então, mais uma vez o professor retomou a conversa com o aluno.

Depois o encaminhou ao grupo e aproveitou a oportunidade para falar sobre a importância do aproveitamento desses momentos de interação. Falou sobre convivência escolar e que a aceitação deveria partir tanto dos meninos como das meninas. No decorrer da aula ele acabou participando das atividades.

Marriel (2006, p.48) reforça essa atitude do professor em desenvolver as relações interpessoais, quando defende que lidar com a educação é lidar com o ser humano:

Confiar e acreditar na capacidade dos alunos, criar situações educativas de forma que eles possam se expressar propiciando vivência prazerosa e entrosamento com os estudantes é uma forma eficiente de promover a auto-estima e colaborar com a diminuição da violência dentro do ambiente escolar.

Como as crianças gostaram das atividades, aproveitei a oportunidade para falar da importância de vivermos todos juntos em harmonia. Não será de um momento para o outro que a criança deixará de ser individualista, mas precisamos aproveitar esses momentos para romper com essa realidade e motivá-las a construir um novo mundo, um mundo mais solidário. Disse a elas que aquela organização de trabalhos em grupos faria parte da nossa aula naquele dia.

Aproveitei a oportunidade para contar-lhes sobre as experiências vivenciadas por mim em vários circos que visitara. Expliquei de que modo as pessoas se organizavam dentro dos espaços limitados dos *trailers*, como era o cotidiano dentro do circo e o que fiz para conseguir informações sobre a arte circense. Contei-lhes que durante o ano, um grande circo chegara à cidade. Então aproveitei um momento livre em meu trabalho para investigar o dia-a-dia dos artistas circenses. As primeiras tentativas foram muito difíceis, desconfiavam da minha presença, considerando-a uma ameaça a sua privacidade. A conversa com os artistas acontecia através das grades que demarcavam o território de lona. Após alguns dias, finalmente conquistei a confiança dos integrantes do circo (famílias, artistas, colaboradores). Foi quando um dos proprietários daquele mesmo circo me convidou a conhecer as dependências e a estrutura de vida simples e humilde do povo da lona. As tarefas eram bem divididas. Pela manhã, as crianças estudavam numa escola; os artistas organizavam as suas roupas e ensaiavam para o espetáculo da noite e as mulheres organizavam os *trailers*. Observei um dos artistas, que era palhaço e também malabarista, enquanto costurava o seu figurino.

Nesse meio tempo, um dos palhaços do circo chamado Hairon comentou:

- Artista de circo professor, não pode entrar no picadeiro com roupas rasgadas, nem chegar tarde para os ensaios do espetáculo. Ao assinar o contrato, está na cláusula que o artista tem regras a cumprir: organizar a sua moradia, o trailer; não se apresentar com o figurino danificado ou com lantejoulas, material e adereços rasgados; chegar atrasado para os ensaios e apresentações. Se algo

assim ocorrer pagará multas em reais ao diretor do espetáculo ou terá descontos em seu salário.

Eu acompanhava os ensaios e levava os acrobatas a um ginásio para treinar os saltos mortais. Como a minha pesquisa estava relacionada com o mundo circense, essa rotina diária contribuiu muitíssimo para o meu trabalho. Tomei conhecimento de como aconteciam as aulas no trapézio, malabares e, principalmente, pude estar no picadeiro e sentir o cheiro da serragem, conhecendo de perto o mundo mágico da organização, da montagem e desmontagem.

Enfim, foi maravilhoso presenciar a vinda da escuridão e as luzes ao redor do circo se acendendo e iluminando a grande lona, algumas horas antes do espetáculo iniciar.

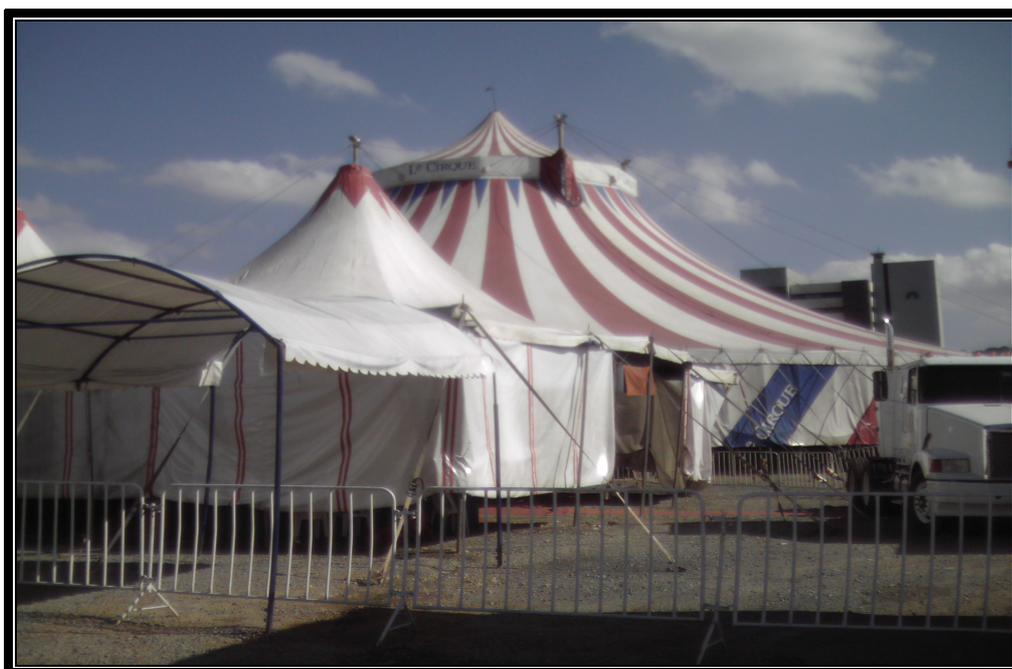


Figura 8 – Chegada do Circo na Cidade de Joinville-SC
Fonte: Autor (2007).

O Circo é assim: uma pequena aldeia móvel que, ao chegar à cidade tem a intenção de produzir entretenimento e alegria. Transforma a paisagem de um lugar sem perder, no entanto, a identidade de seu complexo mundo.

Continuei reforçando aos alunos sobre a grande riqueza cultural que o espaço do circo representa. Revelei a eles que a experiência vivida com os povos circenses,

a troca de afetividade, amizade, experiências e conhecimentos havia sido uma das histórias mais marcantes da minha vida.

Em seguida disse às crianças que daríamos continuidade à aula temática com os materiais das Oficinas do Jogo. Além das tampinhas havia também canudos, pratos de papelão e bastões, tudo nas cores: azul, vermelho e verde. A aula foi realizada na quadra e os alunos foram divididos em equipes tendo como base as cores. O grupo Verde foi rápido. Iniciou o trabalho construindo um palhaço. O grupo Vermelho teve muitas dúvidas e discussões até chegar a um consenso. Construíram um grande circo vermelho. O grupo Azul olhava para os lados, todos conversavam em voz baixa como grandes construtores e mãos à obra: um circo todo azul.

É fácil constatar que as atividades relacionadas com o circo começaram a fazer parte do cotidiano das aulas dessas crianças. E eram aceitas com muita naturalidade. Foi perfeitamente compreensível que isso ocorresse, pois as atividades circenses, quando adaptadas para o contexto escolar, estão plenamente de acordo com os conteúdos típicos da disciplina Educação Física. Não há, portanto motivos para excluí-las.

Ato VI – Senhoras e senhores “equilíbrio com objetos” Diário de campo – 29/09/2006

Um número circense sempre é iniciado com o mestre de cerimônias anunciando o espetáculo. Nesse dia levei para a escola objetos confeccionados com materiais recicláveis: caixas vazias de leite, que foram pintadas com cores fortes e enchidas com papéis para adquirirem peso e serem lançadas e manipuladas. O professor da turma, sempre participativo a cada encontro, colaborava durante as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Por causa da chuva forte, aliada aos relâmpagos e trovões, as crianças não puderam realizar suas atividades no parque nem na quadra. Conversavam muito entre si e algumas meninas reclamavam dos gritos dos meninos para o professor da turma.

A aula iniciou-se com as crianças sentadas em círculo no centro do ginásio multiuso da escola. Nesse momento o professor de Educação Física da turma,

tentando explicar a temática da aula, cruzou os braços aguardando o silêncio das crianças. As meninas pediram silêncio aos meninos que faziam algazarra, um olhava para o outro e em silêncio as crianças começavam a perceber que era hora de iniciar as atividades. Todas as crianças permaneceram sentadas e somente assim esclareci a temática da aula, destacando como era importante a atenção delas naquele momento para que ocorresse a aprendizagem de novos movimentos.

Primeiramente, as crianças reconheceram o material para em seguida dar início à atividade de manipulação e equilíbrio com as caixas. De forma lúdica equilibravam as caixas na palma da mão e caminhavam sem deixá-las cair. Solicitei que a caixa deveria ser trocada para o outro lado da mão. Com alguma dificuldade as crianças foram reconhecendo novos padrões de movimentos com equilíbrio em diferentes partes do corpo: sobre a cabeça, sobre os pés e nas costas também. A cada desafio, participavam ativamente da aula. Nesse trabalho elas corresponderam às ordens e criaram novas formas de manipular objetos. Lançavam ao alto e tentavam agarrá-los. Equilibravam os objetos com as mãos por detrás do corpo por meio de movimentos sincronizados.

Essa expressão de deslumbramento diante das novas explorações do objeto, diferentemente das formas convencionais revela-se por meio de seus depoimentos:

- *É muito fácil, ela não cai da minha mão.*
- *Ufa! Quase caiu deixei cair no chão.*
- *Exatamente como eu pensei é super fácil.*
- *Só vai ter isso hoje!*
- *Equilibrar em cima da cabeça é um pouquinho difícil.*
- *No pé não dá para caminhar! A caixa escorrega do pé.*
- *Se fosse uma bola era muita mais fácil.*

Incrivelmente, a caixa de cor vermelha era a mais disputada pelas crianças. Por esse motivo, permiti que houvesse uma troca das caixas entre os amigos. As atividades foram sendo cada vez mais exploradas e possuíam um grau maior de dificuldade. A cada descoberta observava-se pelas feições dos alunos um esforço superior.

Todo esse caminhar acompanhado pelas sensações fortes de frustração, desistência e superação dos próprios limites é defendido por Moyles (2002, p.41), quando destaca a importância do desafio no processo de aprendizagem da criança ao constatar que:

(...) a aprendizagem, por qualquer meio, deveria ser um desafio estimulante e prazeroso, especialmente na escola. Deveria apoiar a noção do desenvolvimento pessoal da criança como um indivíduo confiante e independente.

Notável a constatação de que por meio das práticas circenses desenvolvidas na escola, esta se transformou num grande espetáculo circense. Mesmo quando a chuva era forte, imaginávamos uma lona sobre nossas cabeças e as crianças vivenciavam uma aula diferente com muito desempenho e esforço.

O equilíbrio com objetos é um dos elementos circenses que necessita de grande destreza motora. A iniciação com movimentos básicos na exploração de objetos, com ações como lançar e agarrar com o uso de uma ou ambas as mãos, ajudam a desenvolver essa habilidade de equilibrar.

Freire, J. B. (2003, p.56) nos fala dessa habilidade e interação objetual quando remete a seus estudos sobre a motricidade:

Desenvolver a motricidade não é apenas apresentar maior rendimento em determinadas habilidades. No meu entender, bem mais que isso, significa adquirir melhores recursos para se relacionar com mundo dos objetos e das pessoas.

Faltando alguns minutos para o final da aula, as crianças receberam uma rede e na posição de círculo o grupo segurava nas pontas da mesma. No centro dela lançou-se uma grande bola e construiu-se a seguinte analogia às crianças: Estávamos todos em uma cama elástica e a bola representava o acrobata, que em movimentos livres se lançava ao ar. Imitando a voz do mestre de cerimônia foi dito às crianças:

– Senhoras e senhores, para fechar com chave de ouro esta tarde, vamos dar asas à nossa imaginação!

E de um lado para o outro sem perder a motivação fomos às alturas, pulávamos, controlávamos o vai-e-vem da bola. Diante de tanta beleza, os olhos ficaram atentos e envolvidos.

Logo em seguida, infelizmente o sinal bateu estridente, anunciando o término da aula. A emoção desse encontro, no entanto, foi traduzida por uma menina da turma, que expressou assim o que imaginara:



Figura 9 – Texto e desenho elaborado por uma criança em sala de aula
Fonte: Autor (2007).

Do ponto de vista motor, as atividades circenses mobilizam todas as habilidades perseguidas pelos objetivos da Educação Física. São realizadas, porém, num ambiente lúdico, isto é, de acordo com as características da criança. O circo é uma fantasia, portanto, quando a criança brinca de circo, ela fertiliza sua imaginação, uma das mais ricas habilidades humanas.

Segundo Bortoleto e Machado (2003, p. 55):

(...) as atividades circenses realizadas dentro das escolas como conteúdo curricular. Entendemos que também devem ser de enfoque lúdico, de tomada de contato com a cultura corporal circense, de desenvolvimento de uma motricidade... que deve enfatizar os aspectos relativos à expressão corporal, como à capacidade criativa, à comunicação, à interpretação, à estética do movimento, finalizando com o aumento dos conhecimentos da cultura corporal, próprios do universo do circo.

Ato VII - A diversidade das técnicas circenses **Diário de campo – 29/09/2006**

Os olhares das crianças são marcas expressivas de seus gestos simples. Abraços apertados foram as manifestações de carinho recebidas naquele dia. Após

alguns encontros, as nossas relações de amizade criaram um clima tranquilo e seguro para dar continuidade ao trabalho.

Observou-se que o encantamento pelas atividades circenses encorajou o grupo. As crianças comentavam com os amigos sobre as atividades circenses no início da aula e nos momentos do recreio. O professor de Educação Física da turma percebeu em outras aulas a ansiedade das crianças e as suas expectativas para os encontros de sexta-feira.

- As atividades cativaram as crianças! - comentava o professor da turma na sala dos professores.

- Os meninos e as meninas foram motivados a respeito da tradição circense. - concluiu o professor.

Durante toda essa trajetória com os alunos, percebi que o espaço de compreensão do lúdico, da cultura e da manifestação de alegria deve ser levado para dentro da sala de aula. Em nosso próximo encontro, no final do recreio após brincarem, lancharem e trocarem confidências com os amigos, as crianças invadiram a sala de aula. Quando entrei, as falas e gritos foram unânimes:

-"Oba, vamos para aula de Educação Física com o Luiz!"

As crianças excitadíssimas caminhavam até o local da nossa prática, o ginásio multiuso. Nele elas puderam correr livremente, saltar, rolar e ao meu comando foram descobrindo as possibilidades de exploração de novos movimentos. Pediu-se que se organizassem em círculo para a apresentação do material daquela aula. Mostrei tecidos de tule com tamanho aproximado de 50x50cm cada a serem utilizados para vivenciar a técnica de lançar e pegar individualmente. Depois desse procedimento ter sido evidenciado várias vezes, as crianças sentiram-se bem mais confiantes.

No segundo passo da aula, receberam um segundo tecido de tule e tiveram de criar estilos bem diferentes ao agarrá-lo. Depois de inúmeros exercícios de aperfeiçoamento motriz com o tule aberto, eu e o professor da turma, amarramos no centro do tecido um nó que contribuiu para a execução dos movimentos simples. Então, as crianças escolheram um canto da quadra e ficaram exercitando a técnica com o véu.

Um dos aspectos que se destacou significativamente nesse dia foi a satisfação das crianças em utilizar esse material tão simples. Os tecidos dançavam em suas mãos. Isso comprova o fato de que as atividades com materiais coloridos

devem ser vivenciadas durante as práticas corporais na escola, principalmente nas séries iniciais.

Sobre o despertar que causa na criança essa apreciação estética por meio de materiais coloridos e sedutores Feijó (2005, p.28) relata que:

(...) ao trabalharmos com materiais atraentes e bonitos, desperta-se na criança também uma apreciação estética; então, se o material de trabalho for realmente belo, a criança estará sendo educada esteticamente por conviver em um ambiente de beleza, despertando assim os seus aspectos lúdico e imaginário, tão significativos no desenvolvimento infantil, sem contar que esse material é trabalhado de corpo inteiro, estimulando no ser humano a criatividade ao realizar as construções.

O elemento circense véu foi mediador de uma ação sócio-educativa e criativa. Inegavelmente, o tempo da aula foi curto demais para tantas descobertas. As crianças se despediram. Subiram a rampa de acesso até a sala de aula. Fechou-se a porta.



Figura 10 – Crianças em atividades circenses com a técnica do véu.
Fonte: Autor (2007).

Ato VIII - Diversão na natureza

Diário de campo – 06/10/2006

Nesse dia, planejou-se uma aula numa área verde que pertence à escola. Quando chegamos lá, as crianças saíram em disparada, promovendo um momento muito alegre a fim de interagir naquele espaço em meio à natureza.

Receberam orientações para que observassem as árvores e escolhessem uma delas para que fosse sua amiga. Os meninos e as meninas aproveitaram as suas habilidades motoras para subir nelas, descansar sobre os galhos e assim vivenciar um circo diferente ao ar livre.

Os galhos das árvores se transformavam em trapézios, outras crianças desafiavam o equilíbrio do corpo, que entrava em harmonia com os prazeres de ficar de cabeça para baixo. As folhas secas das palmeiras pareciam cordas indianas que as crianças usavam para, num impulso acrobático, lançar seus corpos ao ar.

Dessa forma, sua imaginação e o seu corpo brincante se comunicavam com os elementos da natureza.

Bortoleto e Duprat (2007, p.179) destacam essa idéia de que o contato das crianças com a arte circense deve partir de elementos simples:

(...) o papel fundamental da Educação Física escolar é proporcionar o contato das crianças com a cultura corporal existente no circo, em um nível de exigência elementar, destacando as potencialidades expressivas e criativas, além dos aspectos lúdicos dessa prática.

A seguir destacam-se algumas falas das crianças, expressão de vários sentimentos:

- *Eu gostei muito porque a gente aprendeu várias coisas e brincamos muito.*
- *Achei super legal subir em árvores, ficar com as pernas na árvore e a cabeça para baixo.*
- *Eu pensei que não conseguiria subir, mas a minha amiga deu uma força.*
- *Eu até descansei, olhei lá dos altos vocês todos.*
- *Eu passeava sobre o tronco e não desequilibrei nenhuma vez.*
- *A minha árvore passou a ser a minha amiga, eu descansei no seu galho.*

Nas falas das crianças foi possível perceber que a relação com outros espaços dentro da escola, proporcionou situações motivadoras e atraentes no

processo educacional. Nem sempre as situações que promovem o desenvolvimento da criança precisam ser estritamente direcionadas. Em situações como a descrita, o ambiente sugeriu movimentos de equilíbrio, de força, de agilidade, entre outros. A diferença é que situações assim não permitem o mesmo controle que as situações direcionadas e repetitivas permitem.

O importante neste trabalho foi que as situações estivessem contextualizadas e que garantissem que a criança pudesse estar na escola sem perder suas características infantis.

As situações vivenciadas tornaram possível que as “crianças fossem crianças”, estimuladas por um ambiente que ficou gravado em sua imaginação, como pode ser observado no texto ilustrado a seguir:

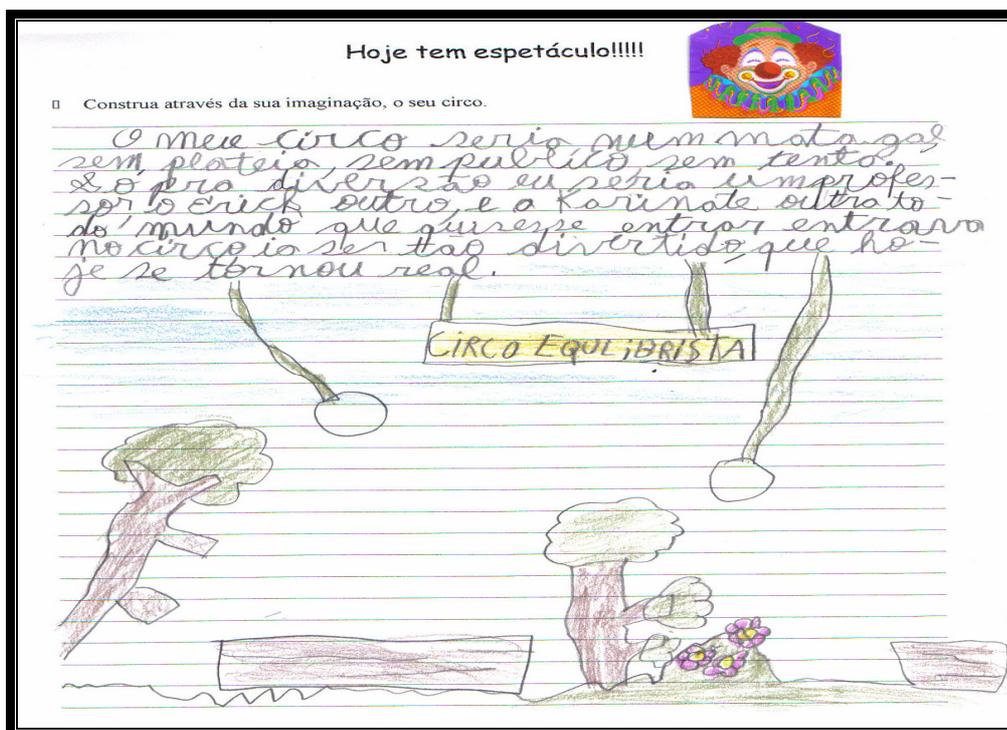


Figura 11 – Texto elaborado em sala de aula, após atividade prática.
Fonte: Autor (2007).

Ato IX - Pé de lata a perna de pau
Diário de campo 13/10/2006.

Eram duas latas velhas que amarrei com fortes fios.

Viraram rédeas jeitosas de fogosas montarias.

Em cima do pé de lata cavalgo pela calçada.

Ângela Souza, (1992.p. 20)

Nesse dia cheguei à escola por volta das quatorze horas. Abri a porta da sala da 3ª série e observei o mural de novidades repleto de imagens e textos sobre o circo.

Percebia-se o quanto as crianças continuavam estimuladas pelo trabalho que estava sendo desenvolvido. Foi uma grande surpresa quando comentaram sobre a vinda de um circo à cidade. Havia observado as estacas cravadas no chão e a cobertura, uma colorida lona, à espera da trupe.

Nesse dia, as crianças foram organizadas na quadra para a aula de Educação Física. Aguardavam o início das atividades práticas com saltos, corridas, rolamentos. Os corpos revelavam um ritmo de festa, de prazer, de liberdade e dinamismo. A aula transcorreu harmoniosa com sons, gestos expressivos do mundo brincante das crianças.

Após a primeira parte da aula, comentou-se às crianças sobre a perna de pau, uma modalidade circense em que os praticantes alteram a sua estatura. Diante dessa explanação, foram apresentados os diferentes tipos de perna de pau.

Bortoleto (2003, p.128): contempla e valoriza a execução de perna de pau nas aulas de Educação Física quando afirma que:

A aplicação de perna de pau como conteúdo das aulas de Educação Física, (...) além de ser motivante (estimulante), fácil e barato contempla alguns dos objetivos multidisciplinares (valores, atitudes, comportamentos) previstos nos planos de ensino tanto de nível municipal, estadual e/ou federal.

Nessa aula foram desenvolvidas também as atividades com um brinquedo popular do nosso folclore, o pé de lata, que precisa ser cultivado e preservado não

somente na memória da infância, mas também vivenciada pela Educação Física escolar.

Assim, o plact, plact, plact das latas contagiaram a turma com o barulho das passadas. Desajeitadas, as crianças aprimoravam progressivamente o deslocamento pela quadra. Algumas pulavam, outras caminhavam de forma diferente, algumas corriam para sentir os sons da lata, exploravam as possibilidades motrizes de permanecer e caminhar em equilíbrio sobre objetos.

Do pé de lata passamos a outro ambiente, um campo de futebol, onde foram finalmente conhecer a perna de pau: o apoio para os pés, empunhadura e como equilibrar-se com segurança ao caminhar.

Os seus olhares desafiavam um ao outro a persistir na perna de pau a certa altura. Com cuidado, arriscavam os seus medos em uma aventura circense. Aos poucos, foram se adaptando à estrutura: alguns momentos de desequilíbrio, passos pequenos, até chegar à marcha foram momentos de risos, raiva e cooperação. As crianças sentiam na pele o esforço, a tristeza de algumas vezes não poderem alcançar seus objetivos, mas, ao final, o que se via eram manifestações de prazer e alegria.

Nessa mesma linha de pensamento, tornam-se indispensáveis as falas de Volpato (2002, p. 116),

É papel da escola desempenhar diante da realidade, pois além do compromisso de socializar todo saber historicamente acumulado e de produzir novos conhecimentos, precisa garantir a criança a alegria, a satisfação e o prazer de viver a cada momento.

Para Neira (2003), os gestos expressivos em um ambiente rico de criatividade são condições importantes para ajudar as crianças a desenvolver uma motricidade harmoniosa, vivendo cada movimento, não só com os músculos, nervos e tendões, mas também, e principalmente, com afetividade.

Incontestavelmente, as discussões e as experiências relatadas até aqui nos levam a refletir sobre as necessidades e as possibilidades de poder incorporar dentro do contexto escolar as atividades dos movimentos da vida circense. Esse mundo que nos traz alegria, diversão, entretenimento é também alicerce para fortalecer e estimular a alegria de viver a escola.

Ato X - Risos e alegria de um brincalhão
Diário de campo 27/10/2006

Nesse dia preparamos uma aula de iniciação e criação de um dos personagens mais excêntricos e cativantes do mundo do circo, o palhaço. Esse elemento circense estava sendo aguardado com entusiasmo pelas crianças. Fiquei surpreso com as expressões nos rostos das crianças que fervilhavam de tanta energia para a nova prática.

As carteiras estáticas e frias da escola estavam repletas de adereços e roupas coloridas. Nos corredores, malas, bolsas, bengalas, sombrinhas enfeitadas, elementos característicos de um viajante de sonhos, o palhaço.

- E então turma, preparados? Vamos entrar no iluminado e fantástico mundo de fantasias?

Eles responderam em coro:

- Vamos!

Com a felicidade estampada em suas faces, com risos, falas e toda bagagem de um viajante, as crianças desceram a rampa de acesso à quadra. As roupas e os adereços que caracterizam o personagem central dessa aula, o palhaço, foram colocados no camarim do anfiteatro da escola.

Aos poucos o elemento circense cômico e engraçado começou a se manifestar por meio das atitudes e das falas das crianças. Contagiou os meninos e as meninas da escola. Os mais tímidos do grupo também entraram no clima festivo.

Com o auxílio de exercícios de percepção corporal e diferentes técnicas incorporaram tipos diferentes: risonhos, travessos ou desengonçados. A cada nova brincadeira o corpo expressava movimentos livres de dramatizações ou por meio de simples caminhadas pela quadra. Algumas crianças, que possuíam maior desenvoltura, criaram maneiras diferentes de andar e de correr. Como resultado de toda essa euforia e simplicidade ao montar um personagem durante uma aula de Educação Física, a criação foi despertada e contou com a participação de todos.

Na seqüência as crianças brincavam de realizar movimentos faciais. Cada criança foi descobrindo o seu lado cômico. Algumas caretas exageradas proporcionavam risos daqui e risos de lá. Os rostos ganhavam formas engraçadas.

Piscavam os olhos em ritmos diferentes, vivenciando uma verdadeira folia e bem humorada brincadeira.

Receberam nessa aula uma pequena máscara e um nariz brilhante e vermelho. Como um presente de batismo dos seus personagens. Elas criaram nomes dando uma identidade ao seu palhaço-personagem.



Figura 12 – Criança caracterizada de palhaço
Fonte: Autor (2007)

Souza (2004, p. 96), fortalece essa idéia de que as brincadeiras circenses fazem parte do universo mágico inerente à infância:

No mundo da brincadeira das crianças nas atividades de circo na escola, apresentado pelas falas. É a magia se cumprindo no reino da brincadeira. Nessa relação imagens, lembranças, memória, fantasia num contexto lúdico que recupera e cria momentos verdadeiramente mágicos.

Assmann (2003, p.29), destaca o aspecto pedagógico dessa atração da criança pela magia da criação quando declara que:

O ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar, aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos.

A descrição dos nossos atores foi inspirada nos tipos cômicos dos palhaços. As crianças desenvolveram técnicas circenses em várias cenas dentro do contexto escolar com expressividade, alegria, fantasia e criatividade.

Com graça e poesia teceram os seus palhaços, atribuindo-lhes nomes. Foi um encontro cômico de vida e nascimento que serviu de inspiração ao nosso trabalho.

Os personagens principais das nossas atividades circenses na escola foram denominados: Pastel, Lelê, Frido, Kika, Palhaçudo, Alegre, Apito, Copinha, Risadinha, July, Vitamina, Kaka, Brasileirinho, Fumacinha, Rebelde, Tifa e Pestinha.

Apresenta-se a seguir o elenco de palhaços que compunha o nosso cenário:

A DESCOBERTA DE PASTEL

Esse personagem criou vários tipos engraçados. Descobriu a beleza de interpretar e de subir ao palco em curtos esquetes. Explorou gestos e mímicas.

O encanto do palhaço Pastel era o seu sorriso, característico ao ouvir a palavra “Circo”. Esse ator ficava deslumbrado e encantado com o repertório circense nas aulas de Educação Física. No trapézio, em cada balanço, mostrava uma grande proeza e, nos demais elementos circenses, familiaridade.

Em Pastel, sua mala era o destaque, pois dentro encontrava-se o sapato preto, a camisa marrom e uma imensa gravata vermelha, figurino emprestado do seu pai. O nariz vermelho finalizava o seu personagem com precisão técnica. Gostava de brincar de malabarismo.

Para Pastel o circo representava:

- Circo é legal sem maltratar os animais para fazer tudo certo. Mas o bom do circo é se não tivesse animal, só pessoas em cena como o Circo de Soleil.

Encontramos nas palavras de Guzzo, (2004, p.23) a mesma representação do pensamento de Pastel quando a autora descreve:

O circo tradicional transformou-se profundamente e surgiu um Circo Novo, marcado principalmente pelo abandono de espetáculos com animais, ênfase nas habilidades corporais, tratamento grandioso de figurinos, coreografias, sonoplastia e iluminação. Neste espaço as linguagens artísticas são misturadas ocorrendo uma des-territorialização e, ao mesmo tempo, uma re-significação do circo para os dias de hoje.

Pastel por meio de sua sensibilidade retrata a preocupação com os animais em cativeiro. Trouxe para a quadra, fantasia, leveza em movimentos e a riqueza da sua indumentária.

Essas crianças na idade em que estavam, mesmo tendo possibilidades de racionar de maneira concreta, de terem forte noção da realidade, tinham também ainda muito presentes a fantasia. Há pouco tempo tinham deixado para trás um período de vida em que o fazer-de-conta era a mais intensa das atividades humanas.

Quando as crianças entram no Ensino Fundamental, porém, percebem que subitamente são obrigadas a realizar apenas rotinas, atividades sérias, destituídas de qualquer fundamento lúdico.

Evidentemente, procurou-se comprovar durante as aulas, tanto naquelas que falam das habilidades gerais do circo, como naquelas em que entra o personagem-palhaço, que é possível fazer uma ponte entre a realidade e a fantasia, para que esta não seja cortada tão bruscamente. Até porque o fazer-de-conta está fortemente vinculado à criação. Criar o personagem-palhaço constitui-se num rico estímulo à imaginação.

LELÊ E SEU ESPETÁCULO

Quando se inicia o trabalho, a voz de Lelê quase não era ouvida; o seu sorriso congelado escondia o seu lado extrovertido. Relacionava-se bem com os seus colegas, em especial, com o companheiro Pestinha, personagem que será descrito posteriormente.

As atividades que exigiam malabares e equilíbrio com objetos faziam de Lelê um artista de circo. Já nas atividades em que o corpo é suspenso pelo trapézio ou corda Indiana, o medo de alturas ficava evidente, coisa que Lelê tratava de disfarçar entre os colegas da turma.

Esse enfrentamento das próprias limitações, proporcionado pela prática de atividades circenses na escola é demonstrada por Guzzo, (2004, p.23) quando afirma que:

O circo tem três ingredientes básicos: a beleza a alegria e a aventura. O centro de espetáculo é o corpo(...) como superador de limites dados pelo espaço, pelo tempo, e por sua própria constituição física. Contorções desaparecimentos e aparecimentos(...).

Na Educação Física Lelê construiu um personagem rico em roupas coloridas e adereços. Criou com outro colega esquetes no palco para a sua apresentação final. Nesse dia perguntei a Lelê como ele descreveria o seu circo.

- No meu circo tem palhaços de montão, tem trapézio, mágico e corda bamba, muitas pessoas assistindo e homens fazendo malabarismo e vai começar o melhor do espetáculo do mundo.

É interessante enfatizar que a expressão corporal, a representação e a interpretação de personagens durante aulas de Educação Física foram exercícios auto-referenciais do circo, contribuindo fortemente para a desinibição e o encorajamento de Lelê aos novos desafios.

Segundo Souza (2000), a criança ao realizar determinados movimentos na escola, deve experimentar diversas possibilidades de realizá-lo, produzindo novas impressões. Quanto mais desafiador for esse ambiente, mais possibilitará à criança a ampliação de novos conhecimentos com o corpo.

A criança, com o auxílio do movimento, transforma o mundo que a rodeia. É nessa linha de expressão que as atividades circenses na escola avançam para o campo da Educação Física em uma contribuição sócio-educativa. Evidentemente, pelo que observamos em nossas aulas, as atividades circenses constituem um mundo riquíssimo de oportunidades motoras, afetivas, estéticas e morais.

A DEDICAÇÃO DE FRIDO

Frido foi um personagem de grande dedicação durante as atividades circenses realizadas nas aulas de Educação Física. Para Frido a inclusão dos elementos circenses ofereceu momentos de alegria e coragem, principalmente

quando utilizava o trapézio, a corda indiana e o tecido. Um dos momentos marcantes foram as atividades circenses praticadas em outros espaços, como o circuito recreativo na natureza. Nas atividades de manipulação como lançar e receber uma bola ou véu Frido era persistente, bem como nos exercícios e seqüências de manipular bastões.

Ao expressar-se sobre o universo circense falou:

- Foi um conjunto de alegria e felicidade, com entretenimento recheado de surpresas. O circo é uma diversão, está em todos locais, em hospitais e até na nossa escola.

Para o ator Frido, as atividades circenses desenvolvidas na escola exerceram uma influência mágica, a ponto de ele começar a se interessar pela disciplina de Educação Física. Para Frido a aula precisava de atividades diferentes, novas.

Goda (2005, p.111), dialoga com as essas sensações de Frido quando remonta à idéia de que nem sempre o desejo pela realização das fantasias é sinônimo de fuga ou ilusão, mas de busca por experiências mais significativas:

No momento em que a criança está brincando ela pode satisfazer certos desejos que muitas vezes não podem ser satisfeitos imediatamente. O que atenua o sofrimento e privações contínuas a que muitas são submetidas. Fantasia, imaginar não é sinônimo de ilusão ou fuga, mas pode significar uma liquidação de conflitos, elaboração de sentimentos, aprendizagens diversas.

Frido é um caso típico de incompatibilidade entre ser criança e as atividades tradicionais da escola. Não se interessava pela Educação Física, certamente porque essa disciplina não se constituía em ambiente aprazível para ela. Quando iniciaram as atividades circenses, isto é, quando pôde ser criança, passou a se interessar.

O BRILHO DE KIKA

Essa nossa personagem brilhou no palco com suas encenações. Kika fez da aula de Educação Física um espaço onde pôde extravasar, fantasiar e brincar de bailarina.

Ela teve de criar um palhaço e no dia do nascimento de Kika, ela fez de uma caixa o seu baú de atrações. Eram laços, vestido da vovó, colares de diversas cores e a maquiagem, que não poderia faltar.

Bolognesi (2003, p.58), se manifesta da seguinte forma a respeito da importância e dos descompassos na utilização dos adereços na criação do palhaço:

(...) O descompasso da roupa, os sapatos também são exagerados e impõe o personagem a necessidade de andar especial. Alia-se, ainda a esses adereços uma penca incomum (...) o palhaço tem como característica própria cobrir partes do rosto com uma maquiagem carregada, distribuída entre branco, o vermelho, negro.

A personagem Kika corria constantemente pela quadra, desfilava de forma engraçada para os amigos. Foi no palco, por intermédio dos trabalhos de dramatização e composição de personagens do circo que vivenciou seu momento predileto da aula de Educação Física. Após a aula, em sala, pedi para nossa personagem uma descrição a respeito do circo:

- O meu circo mirim tem de tudo palhaço chamado Aço, a trapezista e assistente contente em que tudo é colorido e diferente. A luz que brilha no picadeiro é a lua participando da iluminação.

A partir desse relato foi impossível não lembrar de Paulo Freire (2005, p.80), quando fala da escola como sendo um espaço para o exercício da alegria e esperança:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.

A ALEGRIA DE PALHAÇUDO

Esse nosso personagem é brincalhão e falante, tendo participado dos elementos cômicos nas aulas de Educação Física. Com entusiasmo e motivação tomou parte individualmente ou em grupos da seqüência de manipulação com

bolinhas; primeiramente uma, duas e até três. Para ele era uma questão de honra acertar. A cada desafio que as atividades apresentavam, Palhaçudo estabelecia vínculos positivos com os amigos da turma.

Palhaçudo tentava resolver os eventuais problemas que apareciam, discutia a melhor maneira de vivenciar as atividades circenses, sempre com a cooperação dos colegas em função de um objetivo comum. Nosso ator, enquanto ocorriam as atividades iniciais em que se apresentavam as Oficinas do Jogo para contar a origem do circo, espontaneamente liderou algumas brincadeiras. Quando se solicitou que relatasse o seu mundo circense proporcionado pela escola ele descreveu com imaginação:

- *O meu circo seria bem diferente. Nada de círculo, seria torto e engraçado com palhaços e trapézios, nas arquibancadas meninos e meninas seriam convidados a brincar de circo, a atração seria o próprio público.*

Essa deformação de uma realidade pré-estabelecida, evidenciada por meio do depoimento de Palhaçudo, é retomada por Martins e Venâncio, (2005, p.100), quando relembram que:

Ao jogar simbolicamente, a criança não se pergunta se os símbolos lúdicos por ela criados são verdadeiros ou não. Também a ela isso não importa, já que nesse jogo mesmo estando ligado a uma realidade coletiva pode participar individualmente, pois se trata de um pensamento egocêntrico, ou seja, a deformação que a criança faz da realidade vem ao encontro de suas necessidades.

A TRANSFORMAÇÃO DE ALEGRE

Este alegre personagem apresentou sérios problemas de identificação com o grupo. Era rejeitado pelos colegas nas atividades coletivas e demonstrava o seu lado individualista na hora de dividir o material. Dificilmente Alegre respeitava o coletivo. Particularmente era afetivo com o professor.

Quando se iniciaram as atividades de construção dos elementos circenses, utilizando as tampinhas e outros elementos, pôde-se observar verdadeiramente o seu comportamento e poder criativo. Rapidamente ele demonstrava prazer em

construir elementos do circo. Esses fatos com Alegre possibilitaram redirecionar as aulas.

Quando foi solicitado a utilizar a cama elástica como proposta de atividade, o sorriso foi grande em seus lábios. A respeito do circo, perguntei ao nosso ator sua opinião. Respondeu alegremente:

- *Ele seria de cimento, todo colorido, malabares não poderiam faltar. E não podemos esquecer do Verde Mundo, um palhaço que cuidaria da natureza.*

Verde Mundo é um palhaço constituído de tampinhas e bambolês, todo verde, que ele batizou com esse nome numa vivência prática.

Nas atividades circenses, em determinadas situações propostas em aula, a criança desencadeia ações lúdicas bastante imaginativas.

Essa onda de criações lúdicas que envolvem as crianças desautorizadamente é focada por WUO, (1999, p.69):

O lúdico penetra na vida cotidiana sem pedir permissão. Ele é presente, acontece envolve o público numa onda de possibilidades, que não cíclicas, exaltadas pelo desejo de multiplicidade de acontecimentos que fazem parte do ciclo de experiências pessoais como na natureza a chuva é o retorno das nuvens do céu para as águas do oceano.



Figura 13 – Crianças e o seu palhaço Mundo Verde
Fonte: Autor (2007).

A DESENVOLTURA DE APITO

Quando foram iniciadas as atividades circenses por meio de uma série de exercícios que trabalharam o desenvolvimento corporal na aquisição de habilidades motoras, realizamos seqüências acrobáticas em que Apito apresentou um ótimo domínio corporal.

Nas atividades de dramatização e mímica o destaque foi o grande apito pendurado no seu pescoço, daí o nome, Apito. Representava com detalhes e construiu um texto descrevendo o seu circo na escola:

- Para mim circo é muito legal porque tem o riso dos palhaços e o trapezista no alto, O mágico e o homem bala. Mas todo mundo tem que lembrar de uma coisa: circo é legal sem animais.

Essa mesma valorização do circo, focada no depoimento de Apito é retomada por Souza (2000), quando destaca que a escola deve abrir as portas para a cultura circense, apesar de todas as dificuldades e das transformações do circo como outra manifestação de cultura popular. Com isso, ganhará no tocante ao desenvolvimento da expressividade, criatividade e espontaneidade dos alunos.

Razões pelas quais, não foi surpresa o envolvimento e a disponibilidade das crianças enquanto realizavam as atividades circenses. Afinal, foram realizadas de tal forma que se voltaram aos interesses delas, estando de acordo com suas expectativas. Inegavelmente, mais uma vez comprovou-se que as atividades circenses podem fazer parte dos conteúdos da Educação Física, constituindo-se como um conjunto motor e simbólico excepcionalmente interessante às crianças. Destaca-se, entretanto, que em nenhum momento se poderá cobrar das crianças o mesmo desempenho exigido dos artistas de circo, melhor dizendo, a finalidade dessas atividades no circo é uma, na escola é outra.

A ANIMAÇÃO DE LANA

Essa pequena menina rompia o silêncio quando eu chegava à escola com bolas, bambolês, tampinhas, clavas e argolas. Era uma das primeiras a avisar a

turma da minha chegada na escola. Lana gostava das aulas de malabares. As bolas eram os materiais com que mais gostava de brincar. Tentava ao máximo aprender o mais rápido possível a seqüência.

Costumava chamar o espaço da escola, utilizado para a realização da cultura circense na Educação Física, de quadra ou picadeiro. Em sua fala, descrevia as atividades circenses com grande animação.

- As atividades circenses na escola são modos de animar, de sorrir e ser feliz. Há muita alegria quando chegamos à quadra, entramos no mundo da brincadeira e quando saímos é a maior tristeza.

Essa mesma garantia defendida por Lana de que as atividades circenses oferecem momentos de superação e felicidade são evidenciadas por Snyders, (2001, p.177) quando relata que:

Felicidade de participar de um grupo, unido de um modo simples e forte: todos realizam ao mesmo tempo a mesma tarefa, a voz de cada um reforça a voz e, ao mesmo tempo, a confiança do outro. E o acordo se completa na tensão para a alegria cultural; a porta está aberta para a cultura e, simultaneamente, para a consideração dos outros.

É irrefragável que o resgate dos elementos circenses é uma forma de ampliar o repertório lúdico das crianças. A Educação Física aproxima as crianças do riso solto, tornando a aula uma poesia com rima, música e diversão. É preciso desenvolver a infância na escola por intermédio da fantasia, da dança, da improvisação, da liberdade de movimento e mediante o puro prazer de viver as atividades circenses como cultura. Para que isso aconteça urge que ocorra uma mudança na prática pedagógica.

A GINGA DE COPINHA

Essa nossa personagem era apaixonada pelo futebol. Ainda com vistas nas lembranças da copa de 2006 foi batizada de Copinha por causa de sua ginga com a bola e o sonho de um dia jogar na seleção brasileira.

Freire J.B. (2003, p.2), comenta a respeito da magia e fascinação que o futebol representa na cultura popular, inclusive durante a infância:

Jogar bola tem sido a maior diversão na infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum espaço para brincar. Pés descalços, bola, brincadeira são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor do que ninguém.

A paixão pelo futebol fazia com que as crianças se envolvessem em situações imaginárias e reproduzissem certas situações vivenciadas na rua e na escola.

Copinha era assim: enfeitada com seus adereços de palhaço, meias de futebol, camisa do Brasil, tudo verde e amarelo e para contrastar somente uma discreta bola vermelha no nariz. Podia-se perceber o entusiasmo de Copinha quando descrevia a influência das atividades circenses fora do muro escolar.

- Quando chego em casa ligo para os meus amigos. Depois de 20 minutos, eles chegam e a gente brinca de circo. Eu sou a mulher do trapézio, o meu outro amigo é o trapezista e a outra amiga é a mulher da corda bamba. No nosso circo em casa tem até contorcionista. Fizemos um ensaio e mostramos um teatro para nossas mães. Elas adoraram.

Notava-se em Copinha o prazer pelas atividades circenses e o seu potencial de criação mágico em inovar brincadeiras além do espaço escolar. Afinal, não é isso que se espera da escola, isto é, que as atividades não fiquem encerradas apenas dentro do espaço escolar? Copinha mostrou que quando as atividades assumem uma feição significativa para as crianças, estas as levam para além dos muros da escola.

A TIMIDEZ TRANSFORMADA DE RISADINHA

Risadinha demonstrava uma timidez excessiva, o seu medo predominava nas atividades circenses desenvolvidas durante as aulas de Educação Física. Mesmo apresentando dificuldades provenientes do seu comportamento, foi uma das crianças que mais evoluiu durante as atividades circenses. Percebeu-se o

crescimento e a evolução de Risadinha quando esta criou um personagem do circo: uma palhaça com roupas largas de cetim, sapatos brancos e um laço vermelho na cintura que encantou os demais. É interessante enfatizar que sempre levava uma bolsa amarela com maquiagem e um leque para se abanar nas tardes de calor.

Quando as atividades com trapézio eram iniciadas, Risadinha ficava observando os colegas. Até que em certa ocasião, nervosíssima, encorajou-se e pediu para participar. Seu corpo frágil respondia com medo, mesmo assim, enfrentou com corajosamente.

Depois de alguns dias de encontros criou-se uma grande afetividade entre Risadinha e as atividades com a turma. Para nossa personagem as atividades circenses que foram desenvolvidas significaram o seguinte:

- É divertido porque a gente mostra o nosso talento. Às vezes ficava nervosa, mas consegui o impossível que era brincar no trapézio. Mas temos que treinar muito até que um dia chegue a nossa apresentação.

O pensamento de Freinet (1977, p.65) ajusta-se perfeitamente à situação vivenciada por Risadinha, visto que afirma:

Após múltiplas tentativas, a criança conseguiu saltar o obstáculo. Sente-se muito orgulhosa com isso. Porém esta primeira conquista não lhe chega. Quer consolidá-la com a repetição metódica que inscreverá no automatismo dos seus gestos, automatismo que constituirá o verdadeiro enriquecimento, ponto de partida garantido para novas conquistas.

Constatou-se que as atividades circenses surtiram um efeito amenizador no tocante à timidez. Compuseram-se momentos ricos para exercitar a criatividade por meio da expressão corporal. Durante as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física, apreendeu-se que as crianças gostam de encarar novos desafios. De maneira cooperativa buscavam superar a timidez. Com isso houve uma melhora significativa na autoconfiança das crianças, um dos objetivos do trabalho com elementos circenses nas aulas de Educação Física.

NA BUSCA DO IMPROVISO, A DESCOBERTA DE JULY

Essa personagem de olhos claros, sempre reluzentes, concentrada nos números circenses propostos nas aulas de Educação Física, buscava detalhes de improvisação nos trabalhos realizados na quadra. Dentre os elementos circenses July destacava-se nos números com a corda indiana e o trapézio. Na cama elástica nossa personagem saltava, atuando de forma quase perfeita. Ao interpretar o seu palhaço desde o nascimento, ria de alegria e se emocionou ao receber pela primeira vez seu nariz vermelho. Ela tinha prazer em participar das atividades circenses na escola. Por ser extrovertida construiu relações positivas com os amigos.

Descreveu o seu circo na escola por meio de um belo texto com direito a um desenho ilustrativo, dando asas à imaginação:

O Circo é palco de animação, tem que ter palhaço, pipoca doce e algodão, equilibrista no arame de aço, com bailarina equilibrista e vários astros em ação.

Para WUO (1999, p.67), A magia que o circo propõe nos remete a sonhos e fantasias. Podemos voar dentro da alma do trapezista, arriscar a vida, suspendendo o fôlego, penetrar na fantasia do outro e ele na nossa como num jogo de projeções.

Na medida em que as atividades eram desenvolvidas e diversificadas nos espaços, July alcançava diferentes respostas motoras. Desenvolveu principalmente a auto-estima. Com coragem e desempenho corporal revelou com criatividade e grandeza, momentos de beleza e eficácia em seus personagens circenses.

A AUTENTICIDADE DE VITAMINA

Com seu jeito próprio e autêntico Vitamina era falante durante as aulas. Montava um repertório de encenações ao brincar, criar e expressar-se. Para ele praticar as atividades circenses significava estar livre das obrigações de sala de aula.

Nosso ator aproveitava ao máximo as músicas e usava as clavas para iniciar as técnicas dos malabares com satisfação. Na medida em que os elementos circenses evoluíam nas aulas, a emoção e a euforia de Vitamina tornavam-se mais

evidentes. Mostrava-se muito motivado em participar constantemente da movimentação das atividades.

Nas atividades de esquetes no palco, Vitamina improvisou o seu palhaço utilizando doces e suplementos vitamínicos:

Vitamina A – Amor

Vitamina B – Bondade

Vitamina C – Carinho

Vitamina E – Excelente participação nos nossos encontros.

Nos palavras de Freire, J. B. e Scaglia, (2004, p.176) a respeito do ambiente propício para a construção do amor, comentam:

É preciso, portanto, criar um ambiente favorável para que o amor seja ensinado. Não como se ensina uma lição qualquer, mas reunindo condições para que haja atitudes amorosas. E essas atitudes se amor é uma espontaneidade alegre, podem, melhor que em qualquer outro ambiente, ser tomadas no jogo.

O palhaço era o personagem predileto de Vitamina dentro do circo e o descreveu da seguinte forma:

- O Meu circo tem a boca do palhaço como a entrada da porta. Tem palhaços grandes e pequenos. O circo seria muito grande. Uma criança de três anos, a mais forte do mundo. Eu imagino o circo assim, mesmo que eu nunca fui num circo.

O relato de Vitamina encontra apoio nas palavras do educador Lino de Macedo (2003, p.12) quando retrata a imaginação como um meio de criação e ampliação do universo infantil:

No faz-de-conta a criança pode imaginar, criar, ampliar seu mundo, estendendo e aprofundando seus conhecimentos para além do próprio corpo, encurtar tempo, alargar espaços e criar acontecimentos. Além disso, pode entrar no universo de sua cultura ou sociedade aprendendo costumes regras e limites.

Notadamente, é importante assinalar que no mundo do faz-de-conta a criança pode imaginar, imitar, criar construir um mundo rico de estímulos e descobertas por meio da fantasia.

AFETIVIDADE DE KAKÁ AO APRESENTAR-SE

Essa personagem que ilustrava o nosso cenário era uma menina que gostava de escrever e desenhar em suas horas livres. Um dia ao chegar à escola, veio correndo até os meus braços com carinho e me presenteou com uma carta. Ao abrir o presente, era um poema sobre o circo com desenho de um palhaço. A imagem do desenho de Kaká retratava o movimento de uma malabarista em ação. Naquele desenho tão marcante e com cores fortes predominam bolas no grande chapéu e no vestido.

A malabarista de Kaká reflete a alegria na expressão gráfica, os olhos acompanham a seqüência das bolas no espaço. O texto foi narrado com muita emoção. Dizeres carinhosos e expressões faziam sentir aquela admiração:

- Você homem da lona ensinou-me que o circo é legal sem bichos, mas tem de ter trapezistas, equilibristas e malabaristas,

Tem de ter mulher barbada que faz barba todos os dias.

Tem de ter contorcionista que se torce todos os dias.

Tem perna de pau que anda todos os dias.

Por isso, o circo é legal sem animais.

A nossa personagem nos emociona com suas palavras. Ao revelar a sua manifestação e preocupação com os animais, caracterizaram-se com harmonia os elementos circenses. Ela explorou o mundo mágico do circo com comunicação, arte e sensibilidade ao representar o risco no trapézio e o riso cômico da sua personagem palhaça Kaká.

Essa capacidade de sorrir ou de demonstrar alegria, típica em Kaká, é defendida por Wuo (1999, p.87), quando entre outras coisas, procura mostrar que:

O ato de sorrir movimenta as nossas emoções positivas, é a isso que chamamos o riso suscitador da alegria. O riso nasce naturalmente, fazendo parte de um ciclo. Nasce abalando as estruturas, movimenta a alegria, movimenta o nosso lado errante, vagando por aí, de sair de nós mesmos, do devaneio, de sonhar.



Figura 14 – Desenho de criança nas atividades circenses
Fonte: Autor (2007).

O desenho e o texto de Kaká narram episódios registrados durante as aulas em sua memória: as contações de história e as atividades circenses. Sabe-se que os detalhes da criação artística e o movimento contínuo das bolas dançando no espaço são elementos circenses descritos com simplicidade, sendo o palhaço um símbolo marcante do universo infantil.

Segundo Souza (2000), ao resgatar as atividades circenses na escola, pouco a pouco esquecidas, como também ao exercitar o imaginário, o encantamento e a fantasia no contexto escolar, percebe-se que esse ambiente tem sido esquecido de modo geral.

O DESPERTAR DE BRASILEIRINHO

Esse personagem destacou-se entre as demais crianças pelo uso das cores verde e amarela. Nas conversas em sala de aula sobre a proposta relacionada às atividades circenses, apesar das minuciosas descrições sobre a história do circo, Brasileirinho não demonstrou motivação em participar. Incentivado, no entanto, pelas outras crianças e mediante a sua capacidade e imaginação e criação, Brasileirinho começou a brincar e a se divertir de forma agradável e alegre.

Durante o processo de pesquisa, recebemos uma visita ilustre em nossa escola. Trata-se de Hairon, um palhaço e malabarista, artista de um grande circo instalado em nossa cidade. Brasileirinho e seus amigos tiveram a oportunidade de conhecer a história real de um artista circense.

Brasileirinho, ao criar o seu personagem, usou um figurino chamativo, característico de um palhaço: um nariz vermelho, uma calça larga e sapatos três vezes maiores do que os seus e as cores verde e amarela, representativas do Brasil. O seu riso era tudo: curativo de sua alma, estampando em seu rosto a beleza e a leveza de ser livre.

A partir dessas escolhas de Brasileirinho é necessário concordar com Freire, P. (1995, p. 35), quando ele diz: “A partir da realidade concreta com que as novas gerações se defrontam é que se torna possível articular sonhos de recreação da sociedade”.

Convém destacar ainda que o professor deva atuar como mediador nesse processo, criando e recriando um ambiente motivador por meio de aulas coloridas e alegres para despertar e seduzir seus alunos.

A partir das observações de Brasileirinho, constatou-se um envolvimento nos elementos circenses por intermédio da descoberta da arte e beleza do circo. Com o palhaço Hairon aprendeu os truques do malabares com clavas. Sobre essa experiência, descreveu o seguinte:

- O meu circo para alegrar o público teria muitos palhaços, malabaristas e corda bamba e o globo da morte. Não poderia faltar apresentador e as águas dançantes com mágicos e acrobatas na bike.

As atividades com malabares são de enorme complexidade motora. Somente com muita motivação alguém pode desenvolver essa arte. O desafio de fazer malabarismos com bolinhas ou com clavas foi por si só motivador. Quando, no entanto, criamos o ambiente do circo, essa fantasia fortaleceu bastante o interesse e as crianças passaram a se empenhar muito mais, a ponto de mostrarem, em alguns casos, muita habilidade com os malabares.

A MAGIA DE PESTINHA

O nosso personagem Pestinha sobressaía-se por ser comunicativo, brincalhão e criativo. Participava com entusiasmo das atividades circenses na escola. Para ele, o encontro com os elementos circenses funcionava como uma “cartola de mágico”. Com criatividade e imaginação, construiu o seu personagem circense: uma sacola com roupas de brechó, camisa verde-limão, calça xadrez, sapato tamanho 42 e uma imensa gravata. Como adereço de mão usou uma sombrinha “verde e rosa”. Fazia dupla com Lelê nos curtos esquetes em aula.

Pestinha entrava no cenário mágico do mundo do circo nas aulas de Educação Física trajando suas vestes específicas. Construía e reconstruía o brincar com vasta riqueza de detalhes.

Toda essa chance oferecida à Pestinha, através das práticas circenses, em construir e representar a sua própria alegria de brincar vai ao encontro das idéias de Volpato (2002, p. 117) quando esclarece sobre como vivenciar a alegria na escola:

É necessário viver alegremente a alegria na escola significa mudá-la, significa estar para incrementar, melhorar aprofundar a mudança. Além do mais, lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança do mundo.

Após as atividades circenses, esse personagem travesso descreveu com alegria também o “circo” em seu texto:

- Para mim, circo é só alegria, porque tem palhaço todo dia, tem trapezista, tem pessoas pequenas, que trabalham muito. Tem um homem bala, que lança no espaço. Tem algodão doce, pipoca e às vezes jatos de água na platéia bem legal...

A REFLEXÃO DO FUMACINHA

Esse menino-personagem foi uma criança que surpreendeu com o seu entusiasmo ao aprender giros no trapézio. Permanecia nas alturas como se fosse um “menino pássaro” abrindo os braços ao balançar-se.

Os elementos circenses nas aulas de Educação Física foram um atrativo para Fumacinha. Ele se sentia estimulado e aperfeiçoou as suas habilidades motoras. A cada nova experiência com os materiais circenses e com os diversos níveis de dificuldade superava muitos e novos desafios, criando vínculos de cooperação e solidariedade com os amigos da turma.

Perguntei ao professor da turma como Fumacinha estava nas aulas. Disse ele:

– Fumacinha é uma criança mais aberta à imaginação, compreende as regras de jogo e brincadeiras, sempre está entretido com o grupo, e quando observo o prazer de Fumacinha no trapézio, principalmente, alegre e sorridente brincando com o corpo, me emociona.

A preocupação do professor, no entanto, era a sua timidez, pois era uma criança de poucas palavras. O fato de Fumacinha ser tímido não o impedia que cumprisse as regras ou usasse a imaginação. Na verdade, a própria brincadeira tornou-se um meio para que participasse ativamente. Freire, J. B. (2003, p.76), posiciona-se claramente sobre como as crianças devem ser educadas na escola e salienta o valor da brincadeira:

Crianças são para serem educadas, e não adestradas. Sou o primeiro a defender a idéia de que todas elas devem aprender a fazer paradas de cabeça (plantar bananeira), dar cambalhotas, apostar corridas, jogar bola e assim por diante.

Assim, é importante salientar que nas atividades circenses desenvolvidas na escola as aulas devem ser adaptadas de acordo com o nível da turma. Isso evita frustração e desinteresse e também estimula as crianças a executarem diferentes tipos de brincadeiras.

Fumacinha descreveu com imaginação seu mundo circense:

- O circo são pessoas se divertindo, alegres, pessoas rindo. E você sabia que o circo sem animal fica mais legal? Por que os animais têm que ficar nos lugares deles. E se a gente colocar eles no circo, a gente vai maltratar eles.

Esse espírito de lealdade, amizade, solidariedade de Fumacinha durante as atividades sempre foi constante durante as atividades com os amigos. Isso ele também transportou para a vida do circo.

É interessante observar como a questão afetiva esteve vinculada à questão dos animais no circo. As crianças de modo geral demonstraram compaixão pelos animais, sugerindo que os circos não deveriam usar animais em seus espetáculos.

4.1.1 – Os elementos circenses: um cenário de aventura

Nessa segunda etapa da análise e discussão dos resultados, foram consideradas as falas das crianças, obtidas após a execução dos elementos circenses, conforme os critérios anteriormente elucidados.

O universo circense possibilita uma grande variedade de modalidades criativas, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da espontaneidade das crianças.

Perguntou-se aos atores protagonistas do nosso estudo sobre as sensações e percepções que tiveram durante a execução dos movimentos nas atividades circenses. Vejamos a seguir o resultado de suas falas após a prática corporal na cama elástica.

4.1.1.1 - Desafios, sensações e significados dos movimentos na cama elástica

A cama elástica é um equipamento de estrutura de ferro com molas laterais presas à lona, dando sustentação aos vários saltos.

Esse aparelho atraiu os olhares dos nossos atores e com o poder mágico da diversão, proporcionou vários momentos de alegria e imaginação. Foram desenvolvidas várias habilidades motoras: vários saltos, giros e rotações do corpo.

Com relação aos programas de Educação Física, Freire, P. (2003, p.140) comenta:

Considerando que qualquer aprendizagem deve ser significativa, a inserção das situações pedagógicas num contexto de significações para a criança seria mais adequado para um programa de Educação Física que a mera execução de movimentos corporais isolados.

Os depoimentos das crianças foram significativos conforme pode ser observado a seguir:

- *A minha sensação era estar voando, pulava como uma mola.*
- *Tive um pouquinho de medo, ao saltar, mas me senti uma pipoca na panela.*
- *Tinha o vento em meu rosto, era super legal brincar, sair do chão, voava nas alturas.*

-Pulava na cama elástica, a minha cabeça girava e aí o medo apareceu. Mas sabia que estaria logo no chão.

- *Eu era um pássaro colorido, voava como um tucano, livre na mata.*
- *Uma sensação incrível dava um arrepio na barriga.*
- *Comecei devagarzinho pulando, e aí sim, peguei altura foi demais, super legal.*

- *Professor, eu saltava tão alto que os meus amigos, ficavam tão pequenos.*
- *Eu percebi que estava no céu, pulando fechei os olhos e imaginei que estava pegando estrelas, não consegui parecia um sonho.*

Podemos observar nas falas das crianças que a imaginação é o fio condutor, servindo como elemento inspirador para novas descobertas. É um verdadeiro mosaico de palavras.

Para Souza (2000), é por meio dessas vivências entre o real e a imaginação que as crianças constroem experiências marcantes de criatividade e livre expressão, afinal o movimento passa a ser um componente essencial para a leitura de mundo.

Foi por intermédio desse afetivo diálogo corporal que as atividades circenses, nas aulas de Educação Física, manifestaram e foram incentivadas à criatividade e à participação.

A imaginação e a reflexão transformaram um enredo de ações motrizes num espaço prazeroso e divertido para o aprendizado dos conhecimentos da cultura corporal.

4.1.1.2 - Percepções das crianças na arte do malabarismo

Durante as aulas de Educação Física as crianças tiveram a oportunidade de explorar movimentos contínuos, manipulando objetos nas atividades circenses como caixas, bastões pratos, bolas, clavas e tule. De forma livre, fomos introduzindo duplas, trios, por meio de simples trocas de objetos, em uma seqüência de movimentos para manter o maior número de objetos que as mãos pudessem explorar ao mesmo tempo.

Em diferentes ritmos e ações motoras as crianças, na tentativa de buscar sincronismo, vivenciaram uma das principais proezas do circo: o controle de objetos e a exploração do material de equilíbrio nas aulas de Educação Física.

A seguir alguns depoimentos das crianças na arte de malabarear durante a movimentação e exploração de objetos.

- *Eu estou acelerando demais, eu sinto raiva, quando as bolas caem no chão.*
- *Quando consigo malabarear 1,2, bolas sem cair fico tranqüilo.*
- *Eu sinto dificuldades com as bolinhas.*
- *Professor é legal; eu consigo equilibrar o bastão, sou um artista circense.*
- *A bolinha é pesada, é gostoso jogar, o ruim é quando a bola cai no chão e eu fico triste; começo tudo de novo.*
- *Com duas bolas é muito fácil, com três já fica difícil.*
- *Eu sinto dificuldade com as bolinhas, com as clavas é muito mais difícil.*
- *Com duas bolinhas é super fácil, quando é que eu vou lançar a terceira. Eu vou tentar.*
- *Em dupla é bem melhor, eu ajudo o meu amigo.*
- *O meu amigo aprendeu rápido, às vezes eu erro, e ele briga comigo.*

Percebe-se nos depoimentos das crianças como elas dão importância à necessidade de se ter confiança em superar e executar os movimentos no jogo de destreza e agilidade.

A exemplo disso Freire, J. B. e Scaglia (2004, p.140) comentam:

Essa capacidade humana de estar disponível para realizar novas coordenações, a partir da desordenação das anteriores, é excepcionalmente desenvolvida entre os humanos e constitui uma das características básicas de nossa motricidade, especialmente quando o gesto requerido refere-se a situações desconhecidas e inéditas (...).

Essas observações são relevantes no contexto escolar das aulas de Educação Física propiciando um espaço prazeroso, criativo e divertido para o aprendizado dos conhecimentos da cultura corporal.

A valorização da arte circense em consonância com os movimentos corporais é defendida também por Bortoleto (2003, p. 13) quando assegura que:

Em seus estudos sobre a cultura circense, com a exploração de materiais ressalta os aspectos estéticos, formas, amplitudes, velocidades, peso, com interpretações e também sentimentais que podem vir associados aos movimentos corporais.

O autor ainda acrescenta que:

Recordamos que nas práticas expressivas nas atividades circenses não bastam um movimento bem realizado, o mais importante é estar transmitindo aquilo que se deseje, seja raiva, amor, paz, alegria, suspense controle e descontrole beleza, tragédia e êxtase, etc.

A liberdade das crianças durante a exercitação por intermédio dos materiais circenses, permitiu-lhes o desenvolvimento de atitudes que rompem com as aulas tradicionais. Essa prática resultou num avanço significativo nas aulas de Educação Física. A exploração do imaginário, materializado em gestos e fisionomias foi um dos ganhos nas aulas.

Ao final do semestre, os pais responderam a pergunta desencadeadora:

- *Vocês perceberam alguma manifestação do seu filho (a) a respeito da inserção de atividades circenses no contexto das aulas de Educação Física?*

Os pais falaram sobre a importância das atividades circenses nas aulas de Educação Física, baseados nos depoimentos das próprias crianças.

Alguns depoimentos revelaram a empolgação de seus filhos ao relatarem as aulas:

- Por várias vezes após a saída do colégio meu filho demonstrava empolgação com as aulas de Educação Física, contando as novidades, como as atividades circenses na escola.

- Também em casa meu filho após as atividades circenses, brinca de malabarismo, outra atividade. Percebo que lembram realmente das atividades e representações do circo.

- Comenta com bastante empolgação sobre as atividades circenses nas aulas de Educação Física, não havia uma atividade específica.

- A minha maior surpresa é a nossa filha chegar em casa entusiasmada com a Educação Física, se expressa para a família, demonstra com alegria em subir uma corda indiana, vestir-se de palhaço, criando um personagem. Receberam um dia desses, uma artista de circo na escola. Está tão animada, que em 2007 vamos procurar uma escola de circo.

- O que pude perceber foi a empolgação em brincar no trapézio que ela gostou muito. Para uma criança introvertida, aprendeu a se soltar mais. A disputa com competições nas aulas de Educação Física foi diminuída.

- Percebi que o meu filho apresentou segurança em algumas atividades, pois tinha medo de altura, hoje ele consegue subir no trapézio, muro e outros. Tem mais habilidades em seus movimentos corporais, vejo um menino mais participativo que está conseguindo ver o mundo que o cerca. Isso para mim é muito importante, pois desenvolve o seu lado afetivo, cognitivo e psicomotor.

- As atividades circenses contribuíram no meu filho a socialização de encarar a vida sem medo. Permitiu de uma forma pedagógica levar a arte circense para a escola.

- A minha filha comentou em casa que gostou muito, até matriculamos ela nas aulas de circo.

- O interesse pelas atividades circenses aumentou muito. Além da contribuição por maior interesse pelo circo e suas tradições.

- A nossa filha adorou as atividades circenses apresentadas nas aulas de Educação Física, ficou até mais ativa e sua flexibilidade melhorou.

Alguns pais relataram que os seus filhos não demonstraram nenhum interesse e não perceberam manifestações a respeito das atividades circenses na escola.

- *A nossa filha não demonstrou nenhum interesse, não comentava nada em casa a respeito do trabalho da Educação Física.*

- *A minha filha não fez nenhum comentário.*

O maior interesse pela Educação Física também foi lembrado pelos pais como um fator importante para o desenvolvimento de seus filhos, conforme pode ser observado nos seguintes depoimentos.

- *Percebi em casa que a minha filha começou a interessar-se mais pelas aulas de Educação Física, porque as atividades circenses mudaram um pouco a forma de encarar a Educação Física, tornando-a mais divertida.*

- *A Educação Física para ele estava ficando sem emoção, as atividades eram repetitivas. Com as atividades circenses, o interesse pela aula aumentou era uma nova linguagem na escola.*

- *O interesse por novas atividades aumentou muito. Além da contribuição pelo maior interesse pela arte do circo.*

Diante desse cenário, recorre-se novamente a Bortoleto e Duprat (2007, p.177):

Para uma Educação Física que tenha como pressuposto básico a diversidade, proporcionando a maior variedade de movimentos de ações corporais e enriquecendo assim o repertório motor e cultural, é extremamente importante fazer aqui algumas ressalvas para trabalhar a arte circense no âmbito educacional.

O depoimento da maioria dos pais sugere que nesse período em que a criança permanece na escola, as aulas devem ser marcadas maior diversão e alegria. A Educação Física como disciplina pedagógica não pode perder a sua ludicidade. É nessas aulas que a criança se permite sonhar, aprende a compartilhar, a cooperar num ambiente de transformação e a resgatar a cultura corporal.

Os depoimentos a seguir revelaram a empolgação das crianças com os elementos circenses.

- *Brincar no trapézio foi um dos elementos que ela mais gostou.*

- *O palhaço criou uma atmosfera de fantasia na escola.*

- *O malabares com bolas, uma habilidade importante no desenvolvimento motor nas aulas de Educação Física.*

- *Levar o meu filho a andar de perna de pau, lembrou muito a minha infância rica em brincadeiras.*

Após a abordagem pedagógica por meio das atividades circenses nas aulas durante um semestre, conversamos com o professor de Educação Física da turma e pedimos para falar sobre essa vivência na escola, fazendo-lhe uma pergunta norteadora: Qual a contribuição das atividades circenses para as crianças no contexto escolar? Ele pontuou:

- O movimento presente nas atividades circenses encantou meninos e meninas, os seus olhos brilhavam de emoção com tanta fantasia. Ao apresentar as atividades circenses como conteúdo curricular nas aulas de Educação Física, como proposta lúdica, fiquei imaginando o circo na escola.

A cada aula era evidenciada a beleza em trabalhar com materiais diversificados, fáceis de serem construídos despertava o entusiasmo, uma mistura de curiosidade e alegria em cada brincadeira. Um universo repleto de emoções vivenciados na escola era esperado com grande satisfação. Mesmo que cada vez menos as crianças tenham oportunidade de apreciar um espetáculo circense, percebe-se a transformação naquele exato momento em que se ouve a palavra circo.

Nota-se que certas atividades se interligam, mas com pequenos toques tornam-se mágicos, um fantástico mundo de cores. Lançando-nos ao mundo circense onde tudo é possível, bastando ser feito com dedicação, perseverança, responsabilidade e principalmente amor.

Os alunos aprenderam alguns conteúdos predeterminados dos elementos circenses, (movimentos, aparelhos ritmos e a sua história), começaram a criar suas próprias situações, podendo ser falada na figura do palhaço com improvisos e brincadeiras, cantada ou gestual. A criatividade com várias situações, vividas em casa com suas famílias, com seus amigos e o que assistem pela televisão, torna-se a principal referência para sua evolução circense.

Além do resgate da cultura do circo, as aulas de movimentos circenses contribuem para o desenvolvimento também da sensibilidade, da expressividade, da criatividade, da espontaneidade das crianças e de seus movimentos.

O coletivo de autores (1992, p. 83) relata:

A escola também pode oferecer outras formas de prática da expressão corporal, paralelamente a dança, como, por exemplo, a mímica ou pantomima contribuindo para o desenvolvimento da expressão comunicativa nos alunos.

Do trapézio ao palco, do malabarismo à maquiagem, as atividades circenses merecem e devem ter seu espaço na escola. Pois já não é sem tempo de resgatar algo que por não ser inovador está passando despercebido em nossas escolas. Olhe para si e para todas as direções, o circo estará sempre lá.

Essa preocupação do professor da turma em resgatar a cultura do circo é lembrada por Bortoleto e Duprat (2007, p.179) quando destacam que é função da Educação Física proporcionar a cultura do circo às crianças na escola:

O papel fundamental da Educação escolar é proporcionar o contato das crianças com a cultura corporal existente no circo, em um nível de exigência elementar, destacando as potencialidades expressivas e criativas, além dos aspectos lúdicos desta prática.

Diante do exposto convém salientar a importância da prática desse acervo de atividades circenses na escola. Não somente pelo que possui de prazeroso, expressivo, belo e técnico, mas também pela contribuição no tocante ao resgate histórico e cultural dessa arte milenar e suas manifestações na formação humana dos nossos alunos.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tradições são tão ou mais marcantes do que os nomes. Durante décadas acreditou-se que a prática da Educação Física na escola tinha de seguir os mesmos padrões, isto é, era preciso que transcorresse de acordo com suas raízes ou sua constituição original. A genealogia da palavra Educação Física está inscrita em seu nome: formação para o corpo, para a entidade que temos, e não para a entidade que somos. Herdamos dos primórdios da Educação Física essa separação entre as coisas: corpo, matéria, físico, de um lado; alma, espírito, razão, de outro. Ainda hoje nos centros de formação profissional ou nas Faculdades de Educação Física, de modo geral, é isso que se recomenda. Dessa forma, os conteúdos e métodos são difundidos focando-se apenas os elementos materiais do processo.

Desde a fundação da Educação Física, entretanto, muita coisa mudou. Outras idéias surgiram e chegaram inevitavelmente até a escola por mais impermeáveis que fossem. Tantos sofrimentos no mundo, tantas ameaças à vida no planeta nos fizeram repensar acerca das heranças da Educação Física. Talvez não sejamos essa entidade fragmentada; quem sabe não haja um espírito, uma alma ou uma razão superior ao corpo, à matéria. Quiçá seja apenas uma coisa dividida por nossas interpretações, por nossos conceitos. O fato é que ao pensarmos em outras possibilidades abrimos um leque de novas perspectivas para a Educação Física. Não fosse assim, as atividades circenses jamais poderiam ser praticadas numa aula dessa disciplina. Sinal notório de novos tempos foi a boa acolhida que essas atividades tiveram quando, por meio deste trabalho, introduzimos os elementos circenses nas aulas de Educação Física.

Se o objetivo da Educação Física ainda fosse o de sanear as pessoas, o de higienizá-las, o de formá-las como se todos fossem para a guerra (e antigamente quase todos os homens realmente iam), faria sentido que continuássemos nos preocupando apenas com a performance corporal. Hoje, porém, nossos objetivos são outros: estamos mais interessados com o cidadão ético, com a construção de um mundo melhor, com a liberdade de expressão e com a formação de inteligências

que saibam julgar eticamente as atitudes. Diante disso, atualmente, faz sentido que sejam incluídas nas aulas de Educação Física as atividades circenses, principalmente durante o Ensino Fundamental, especificamente no período da infância, fase em que a escola não pode deixar de trabalhar a fantasia, os sonhos, as aventuras de “subir ao céu”, de brincar de herói, de ser palhaço, trapezista, bailarina, malabarista. Na simplicidade, diversidade de cenários, em palcos ou padeiros improvisados, as aulas de Educação Física podem desempenhar um papel importantíssimo para a dramatização dos corpos em movimento. Não que tenhamos de repetir os métodos utilizados pelos artistas de circo; mas que usemos desenvolver com os alunos certos elementos da cultura circense, pois se acredita que se utilizando as atividades artísticas e culturais como fio condutor, crianças sejam capazes de formar consciências mais humanas e cultivar a ética, contribuindo para um mundo melhor. O lúdico refletido pela ação imaginária, por meio dos rostos pintados, das roupas e adereços, dos gestos dramáticos, estabelece não apenas um encontro da criança com a arte e a magia circenses, mas acima de tudo, o domínio do próprio corpo e emoções, fortalecendo a auto-estima.

Dessa feita, as práticas circenses, desenvolvidas durante as aulas, atraíram fortemente as crianças por sua beleza, alegria e dinamismo. O desafio permanente à criatividade foi motivo de grande motivação. Em nenhum momento houve a intenção de avaliá-las ou puni-las. Ou melhor, as aulas desenrolaram-se a partir das habilidades e experiências dos próprios alunos e em função do contexto que vivenciaram na escola. Não havia uma programação rigorosa imposta de fora para dentro que deveria ser seguida obrigatoriamente. O roteiro pôde sofrer alterações ocasionais, de acordo com a criatividade do professor e dos alunos.

Evidenciou-se que as atividades circenses ou quaisquer outras que possam contemplar da mesma forma, a beleza, a ludicidade, a auto-estima e a motivação dos alunos, fomentando a imaginação e respeitando a inteligência, podem seguramente integrar-se ao conteúdo aplicado durante as aulas de Educação Física.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1988.

AMES, C.A.M. O espaço e o tempo na escola. In: CALLAI, H. C. & ZARTH, A. P. (Org). **Os conceitos de espaço e tempo na pesquisa em educação**. Ijuí: Unijuí, 1999, p. 115 – 126.

ANTUNES, Silmara. **Na dança dos contos a palavra da dança**. Campinas, 2002. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ASSMANN, H., **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: USP, 2003.

BORTOLETO, M.A. **II Fórum Internacional de Ginástica Geral**. Campinas, 2003.

BORTOLETO, M.A. **Rola – bola: Iniciação**. Movimento & percepção. Espírito Santo do Pinhal: 2004, v.4 n.4/5.

BORTOLETO, M. A. e MACHADO, G. A. **Reflexões sobre o circo e a Educação Física: corpoconsciência**. Santo André: 2003, n. 12. p. 36-69.

BORTOLETO, M. A. e DUPRAT, M. R. **Educação Física escolar**. Campinas: 2007, v. 28. p. 179.

BUENO, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1989.
CALLAI, H. C. & ZARTH, P. A. **Os conceitos de espaço e tempo na pesquisa em educação**. Ijuí: Unijuí, 1999.

CARVALHO, M. **Ensino Fundamental**. Práticas docentes nas séries iniciais. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CARVALHO, R. e MOTA. **Circo universal**. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

CECHETI, A. Mundo encantado. **Revista Fotografe Melhor**, n. 42. 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1992.

FANTIN, M. **No mundo da brincadeira**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FEIJÓ, A.T.M. **Oficinas do jogo uma proposta pedagógica nas séries iniciais do ensino fundamental**. Florianópolis, Santa Catarina, 2005. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos - CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso: Psicologia e pedagogia**. São Paulo: 1977. Martins Fontes Ltda.

FREIRE, J. B. SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, J. B. & VENÂNCIO, S. (org.). **O Jogo dentro e fora da escola**. Campinas. Autores associados, 2005.

FREIRE, J. B. **O Jogo entre o riso e o choro**. Campinas: Autores associados, 2002.

_____. **De corpo e alma: O discurso da motricidade**. São Paulo: Sumus, 1991.

_____. **Educação de corpo inteiro**. 4ª. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

_____. **Oficinas do Jogo: Uma proposta transdisciplinar**. 2006a. Disponível em <http://www.decorpointeiro.com.br>. Acesso em 17.02. 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

GARCIA, A. **O circo**. São Paulo: Dag, 1976.

GODA, C. **Fabricando**: As oficinas do jogo como proposta educacional nas series iniciais do ensino fundamental. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

GUZZO, M. S. L., **O espetáculo do circo e a estética do risco**. Corpoconsciência, Santo André. 2004 n. 14, p.19-52, jul/dez.

HEWARD, L & BACON, J. V. **Cirque de soleil**. São Paulo: Campus, 2006.

IERVOLINO, S. A. **Estudo das percepções e para entender o luto de familiares de portadores da Síndrome de Down da cidade de Sobral – Ceará**. p. 273. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo. 2005.

MACEDO L. **Faz-de-conta na escola: a importância do brincar**. Pátio – Educação Infantil, número 3, dezembro de 2003, Porto Alegre, Artmed Editora.

MACEDO L. **Ensaio pedagógico: Como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARCELINO, N. C. **Lúdico, educação e Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 1999.

MARRIEL, L. C. et al. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes**. Cad. Pesquisa. São Paulo, v.36, n.127, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 Set 2006. doi: 10.1590/S0100-15742006000100003.

MARTINS, I. C. & VENÂNCIO, S. Salvando a Rapunzel: o jogo simbólico na escola. In: FREIRE, J. B. & VENÂNCIO, S. (org.) **O Jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores associados, 2005. p.95 -114.

MELO A, V e JUNIOR, A, D, E. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole.2003.

MOREIRA, A.A. **O espaço do desenho**: a educação do educador. São Paulo: Loyola. 2005.

MOYLES, J.R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed. 2002.

OLINTO, A. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2001.
ORFEI, A. **O circo viverá**. São Paulo: Mercúrio, 1996.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Educação Física**. Brasília: Ministério da Educação, 2000. V. 7.

PÉREZ GALLARDO, J.S. **Delimitando os conteúdos da cultura corporal que correspondem à área da Educação Física**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/feff/publicacoes/conexoes/v1n1/4delimitando.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2007.

REVISTA PALCO ABERTO. Malabares, circo e rua. **GLOSSÁRIO**. Disponível em <http://www.palcoaberto.com.br>. Acesso em 08/12/2006.

RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil**. Rio de Janeiro: Inacem, 1987.

SANTOS, S, M, P. **Educação arte e jogo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SILVA, A.C. (org.) **Escola com arte**: multicaminhos para a transformação. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SILVA, M. R. **O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar**: onde está o lazer/Lúdico? O gato comeu. (Tese de Doutorado). 2000. p. 351. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SNYDERS, G. **Alunos felizes - reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SOARES, C. **Imagens da educação no corpo**. São Paulo: Autores Associados, 1988.

SOUZA, A, L. **Tudo pode ser brinquedo**. Belo Horizonte: Editora Lê poesia, 1992.

SOUZA, A. **Vamos brincar de circo?** As brincadeiras das crianças da escola brincando de circo e do reality circus. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

_____. **Senhoras e senhores, o espetáculo vai começar.** Monografia (Graduação em Educação Física) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

TAMAOKI, V.; AVANZI, R. **Circo nerino.** São Paulo: Pindorama Circus, 2004.

TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórica epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

TRIVINOS, A. N. S.; NETO, V. M. **A Pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Sulina, 1999.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Biblioteca. Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos da UDESC: teses, dissertação, monografias e TCCs.** Florianópolis. UDESC, 2005.

VIANA, H.M. **Pesquisa em educação a observação.** Brasília, 2003.

WUO, E. A **O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas.** (Dissertação de Mestrado) Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Matriz observacional das atividades circenses realizadas em aula, elaborada pelo autor.

APÊNDICE B – Entrevista executada com as crianças após a aplicação das atividades circenses.

APÊNDICE C – Entrevista semidirigida contendo uma pergunta norteadora, elaborada pelo próprio autor e aplicada aos pais das crianças, após as atividades circenses.

APÊNDICE D – Entrevista semidirigida contendo uma pergunta norteadora, elaborada pelo próprio autor e aplicada ao professor de Educação Física da turma, após as atividades circenses.

APÊNDICE E – Fotos das atividades circenses registradas durante as aulas.

APÊNDICE A - Matriz observacional das atividades circenses realizadas em aula, elaborada pelo autor.

Indicadores	Observação Comportamento / Diálogo
Interesse das crianças em participar das atividades circenses	As crianças participam com grande interesse, das atividades propostas na construção do seu personagem o palhaço, figurinos e adereços como óculos, bengalas, colares, sapatos dos pais, gravatas, perucas...
Criatividade das crianças durante a realização dos elementos circenses	A criatividade foi grande neste dia, aos poucos os personagens aparecem com os seus tipos engraçados com características marcantes. Kika fez de uma bóia de praia, a cintura do seu corpo. O nosso personagem Pastel com suas roupas engraçadas, e os seus sapatos imensos constitui o seu cômico e imaginativo palhaço.
Desafio e dificuldades apresentadas nas aulas	Duas crianças esqueceram os materiais dos seus personagens em casa. Elas foram ao camarim do anfiteatro, providenciar o seu figurino.
Expressividade e ritmo na execução dos elementos circenses.	Eles mergulharam fundo em seus papéis, com graça e leveza a festa de arromba estava pronta, risos, os olhos sempre atentos a cada personagem. Os seus rostos com esponjas e pincéis foram sendo caracterizados com base branca, vermelho forte em suas bocas, o lápis preto em suas sobancelhas....

Obs.: Pontos interessantes a registrar: As crianças estavam todas ansiosas para este dia, contagiou as outras turmas, depois de caracterizadas foi feito um passeio pela escola com os seus tipos engraçados. O ponto forte foi à visita na Educação Infantil às brincadeiras, o carinho dos pequenos aos nossos palhaços fascinados por tanto beleza.

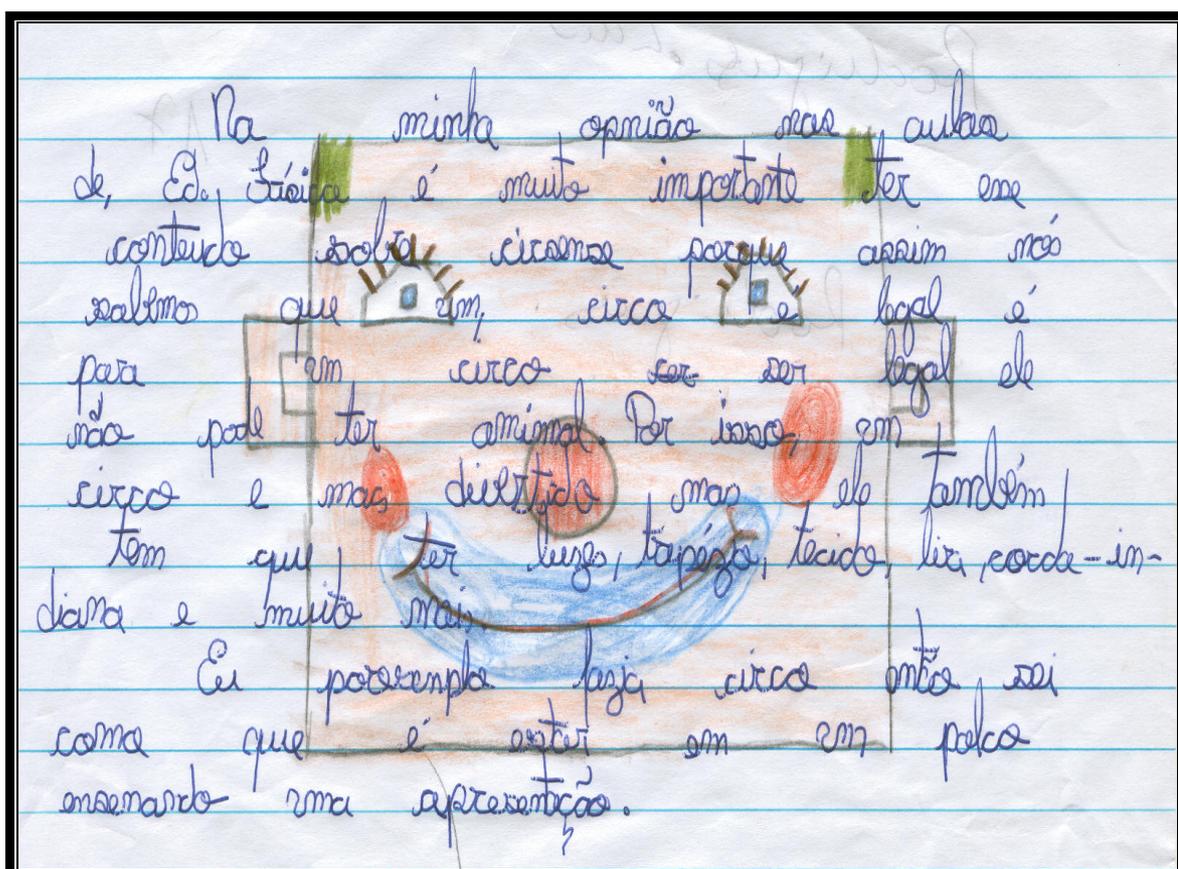
APÊNDICE B – Entrevista executada com as crianças após a aplicação das atividades circenses.

Com uma pergunta norteadora aos nossos palhaços solicitamos que descrevessem após uma aula:

- O que você aprendeu com as atividades circenses na escola?

Seguem os relatos dos nossos personagens sobre a pergunta norteadora:

KIKA



LELÊ

Título: Circo

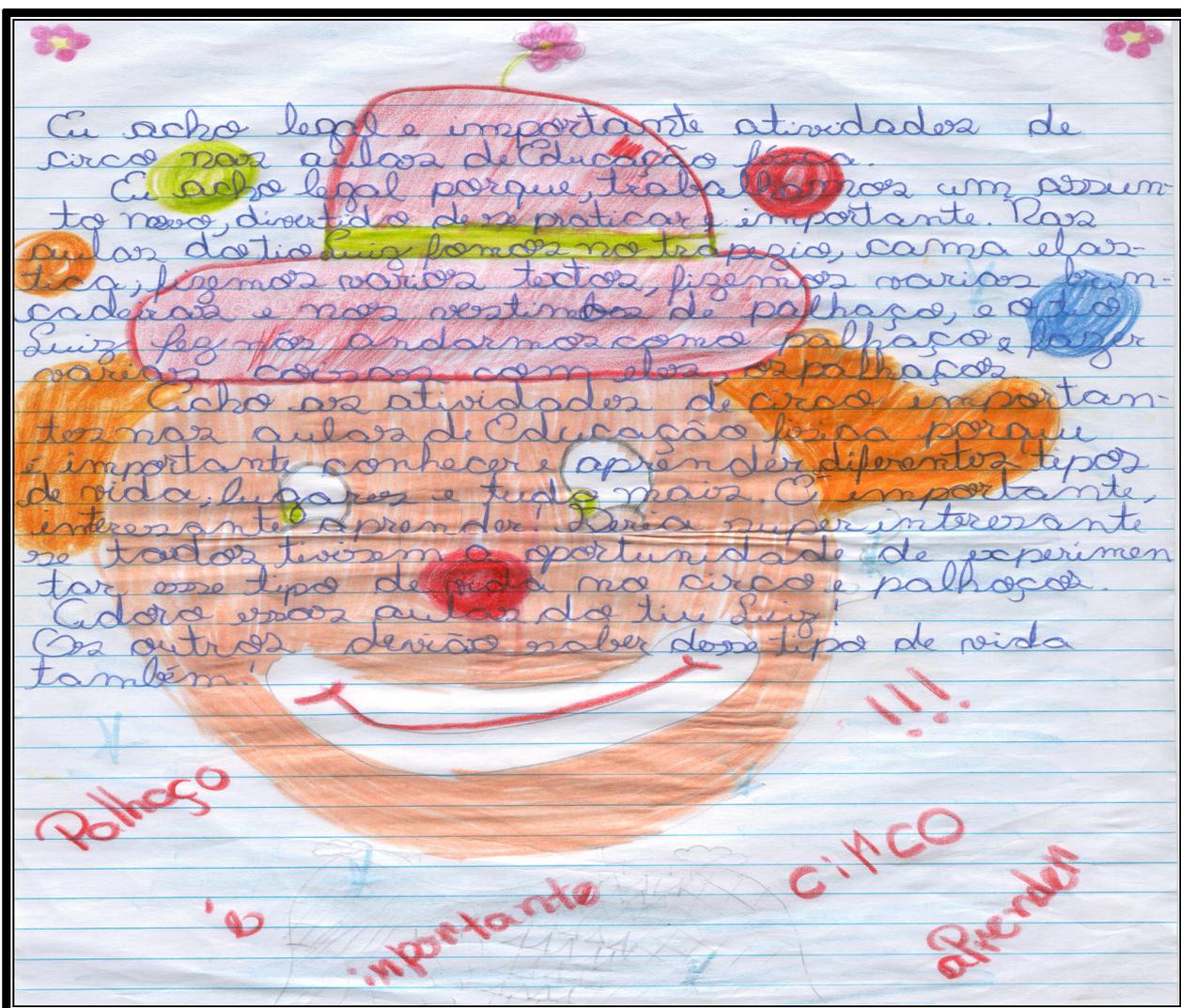
A importância do circo me encantou muito graças ao professor Luis eu aprendi a fazer: malabazismo, trapézio, acrobacia em pole entre outros coisas que ele me ensinou.

Também a gente fez um palhaço com tampinhas, material reciclado etc.

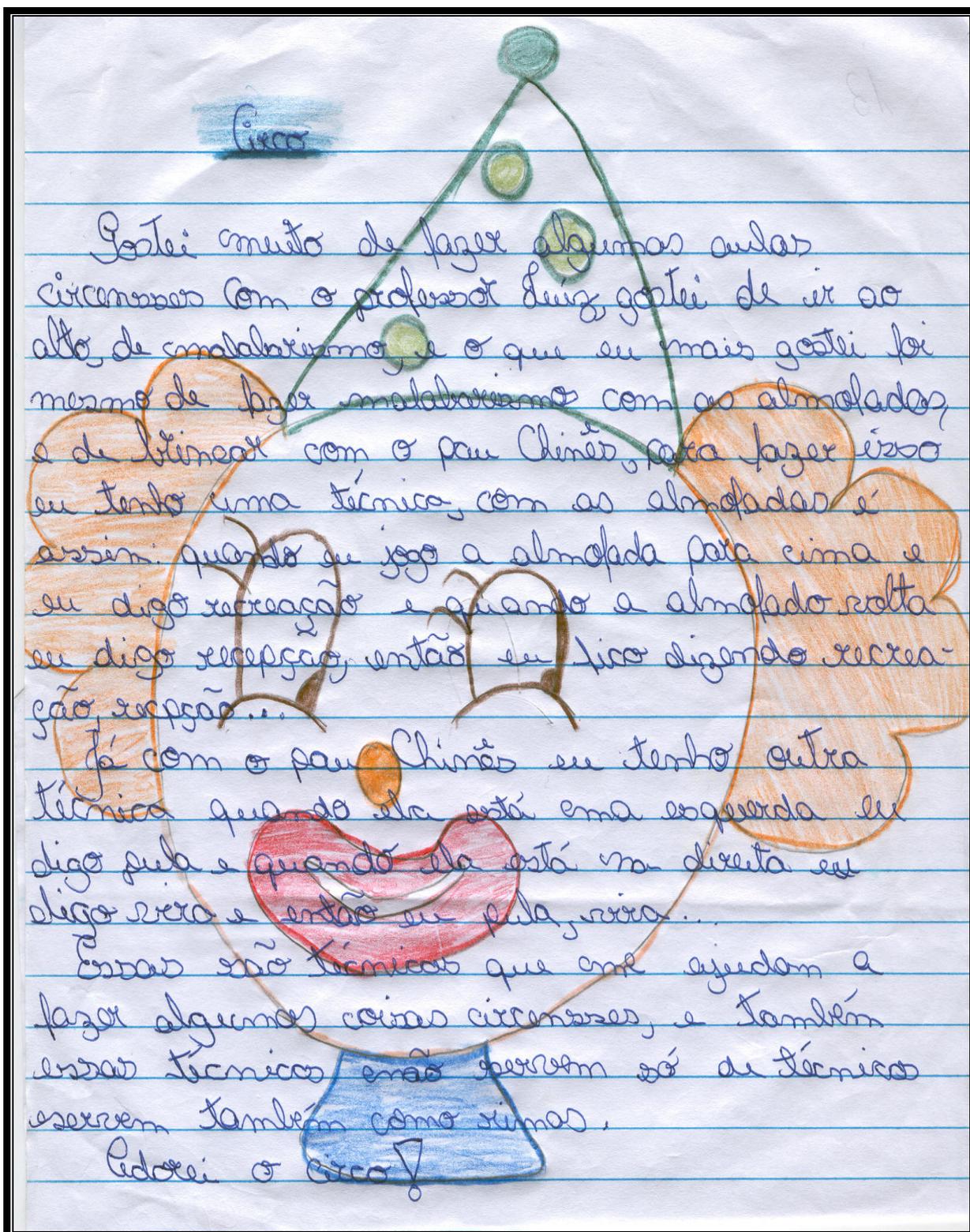
O professor Luis na primeira parte ele deu aula para mim e as crianças de tudo, mas a mais legal foi quando a gente se encontrou ~~no~~ ~~mesa~~ ~~no~~.

Então aprende o circo.

JULY



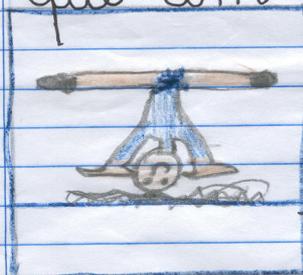
KAKÁ



COPINHA

A importância das atividades circenses nas aulas de Ed. Física.

Eu acho que as atividades circenses tem importância nas aulas de Ed. Física porque mostra que um aluno que pretende ser no futuro um artista de circo, como: trapezista, equilibrista ou contorcionista e viajar no mundo inteiro, conhecer muitas pessoas, ficar famoso e ganhar um bom dinheiro, pode muito bem sentir-se estimulado a aprender todos os fundamentos para essa profissão e desta forma se dedicar de corpo e alma aos ensinamentos ministrados pelo professor de Ed. Física.



PESTINHA

- 1 Circo é legal por eles fazem muitas coisas.
- 2 Mas eu acho melhor circo sem animal.
- 3 Eles tem que praticar muito principalmente o equilibrista
- 4 Equilibrista
- 5 Eu queria ser de circo.
- 6 Eu queria ser por eles comem sem pagar.
- 7 Eu queria saber.
- 8 De o magico decha os colheres na cartola
- 9 Eu gosto muito de circo
- 10 Isso sim que é vida boa



FRIDO



ATIVIDADES CIRCENSES



As atividades circenses tem muita importância nas aulas de ed. física. Elas proporcionam diversão, alegria, técnicas como de equilíbrio e claro tem estas e outras coisas são os benefícios. Por isso sempre devemos ver que o circo não é uma coisa chata e sem objetivo. O circo, por outro lado, é divertido e aprendemos com ele. Foi lá isso porque já passei por essa experiência na aula de educação física.

Fizemos várias atividades, principalmente envolvendo o equilíbrio como malabarismo e equilíbrio em toras e outras. Fizemos também, pula em distância e várias outras coisas.

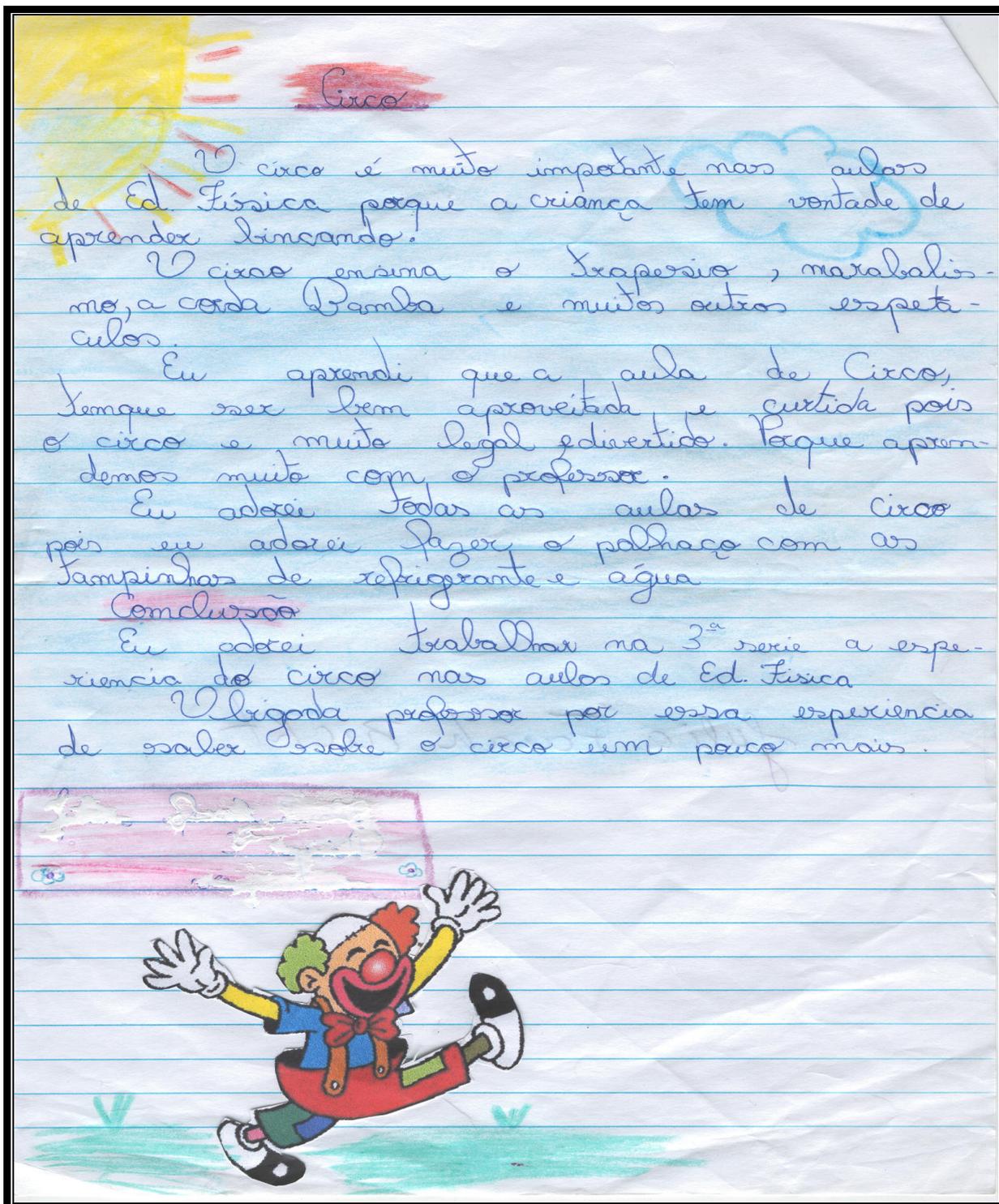
Bom... Eu quero chegar que sempre temos que ter mais e mais de importantes atividades circenses na aula de educação física.



CIRCO NA ESCOLA

Alegria de fazer parte dele.

RISADINHA





Riso: componente de sociabilidade



Uma dupla cômica

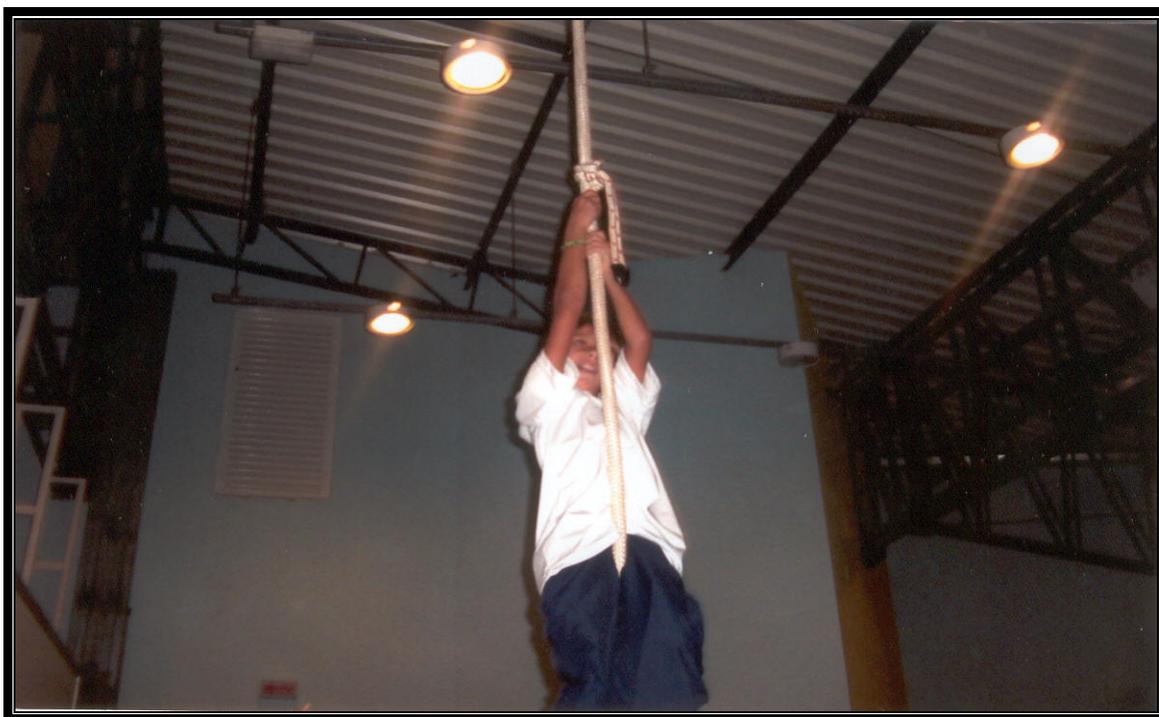


Palhaço: figura central do circo



Palhaços em cena

ACROBACIAS AÉREAS



Corda



Desafiando as alturas



Pegada na barra do trapézio



Trapézio (avião)

EQUILÍBRIO COM OBJETOS



Equilíbrio com bastões



Equilíbrio com pratos

OFICINAS DO JOGO (CONSTRUÇÃO DO CIRCO)



Construção do circo (azul e amarelo)



Construção do circo (vermelho e azul)

VISITA DE ARTISTA CIRCENSE NA ESCOLA



Ensinando a arte de malabarear



Relatos de uma trajetória no circo

MINHAS ANDANÇAS PELOS CIRCOS



Conhecendo o mundo do povo da lona



Primeiro contato com a magia do circo



Conhecendo as dependências e a estrutura de um circo



Interagindo com as famílias circenses

ANEXOS

ANEXO I - Materiais das atividades circenses

ANEXO II – Lista de termos circenses

ANEXO III - Consentimento para fotografias, vídeos e gravações

ANEXO IV – Aprovação do comitê de ética

ANEXO I - Materiais das atividades circenses

Descrevemos a variedade de materiais confeccionados a partir de objetos recicláveis, que proporcionam uma dinâmica às atividades circenses BORTOLETO (2003).

A seleção do material teve como critérios:

1. O baixo custo dos materiais recicláveis;
2. A facilidade de encontrá-los em um sistema de mutirão, que pode ser organizado pela comunidade escolar (alunos, pais, funcionários);
3. Um material acessível e de simples fabricação;
4. Nas atividades circenses, objetos fáceis de manipular.

Bolas de Malabares

Bolas de Meia

São confeccionados com meias usadas, plásticos, papel, espuma e areia.

Bolas de Painço ou Arroz

Colocar dentro de um saco plástico aproximadamente 100 gramas de painço ou arroz. Deve ser armazenado em saquinhos plásticos. Com bexigas (balões de aniversários). Cortar a parte superior e recobrir o saco plástico de painço com três ou quatros balões.

Véu (tule/tnt)

Cortar um tecido de tule com um tamanho de 50x50cm, este material poderá ser confeccionado aberto, ou com um nó para dar maior agilidade e peso, proporciona-se um grau maior de agilidade ao praticante de atividades circenses.

Claves

Este elemento circense foi confeccionado com garrafa plástica de refrigerante, de 600ml.

A parte da empunha dura, foi confeccionada com cabo de vassoura de 50 cm. O cabo de vassoura será embutido no interior da garrafa. Para dar peso às claves, rechear com jornal.

Para finalizar as garrafas deverão ser pintadas com cores primárias: amarelo, azul, verde, vermelho.

Caixas

Pegar uma caixa de leite vazia e encher com jornal para dar um peso e seja suficiente para lançar e agarrar. É importante que a caixa esteja bem firme e decorar a caixa e pintar, também, nas cores primárias. Nas laterais colar papéis de veludo, evitando assim que elas escorreguem quando uma caixa estiver em contato com a outra.

Aros

Poderão ser recortados com papelão em círculos, com uma circunferência aproximadamente com 12 polegadas, ou seja, 32 cm e com 4 cm de largura. Juntar em 4 camadas de papelão Colá-las e uni-las com fita adesiva e ao término, pintar os aros.

Obs.: Há outra alternativa para a confecção dos aros, os quais podem ser feitos com restos de mangueira, unir as extremidades com um pedaço de madeira e fixá-los com pregos, e envolver com fita adesiva para proteção.

Diabôlo

Confeccionado com garrafas plásticas de um litro. Corta-se ao meio e utiliza-se a parte superior, unem-se as duas extremidades das garrafas e colam-se as bordas com cola quente. Os bastões serão confeccionados a partir de poleiros de gaiola e barbante. Pintar com cores verde, amarelo, vermelho e azul.

Figurinos

Aproveitar roupas usadas dos pais, como sapatos, chapéus, colares, maquiagem (fantasias para criação de personagens circenses).

Reunir apetrechos para a criação do personagem mais apreciado no circo, o palhaço.

Prato Chinês

Este material poderá ser adaptado com pratos de papelão (aniversário) e a para a vara, utilizar canudos confeccionados com jornais.

Utilização do Material

Para Bortoleto (2003), os materiais de uso das atividades circenses estão relacionados com a liberdade de exploração dos movimentos. A iniciação ocorre com improvisação e manipulação dos materiais. E somente quando os alunos demonstrarem certo grau de intimidade é que poderão passar para uma aprendizagem mais dirigida.

Para o mesmo autor, esta exploração livre do material contribui no desenvolvimento da motricidade das crianças. São caminhos que levam à criatividade de movimentos que promovem a automotivação, facilitando, assim, a aprendizagem.

O material utilizado nas atividades circenses é nada convencional, estimula a criança a ser colocada em desafios gratificantes e envolvendo-a com beleza, estética, formas, cores e gestos.

Para FREIRE J. B. *apud* GODA (2005, p.137) a diversidade de um material colorido e variado nas aulas de Educação Física Escolar cria uma forte motivação para as aulas curriculares, pois estimulam a riqueza da ludicidade e a criatividade.

Com isso, possibilitar o uso desses materiais constituirá numa metodologia mais prazerosa e recreativa para o desenvolvimento das crianças em nossas instituições escolares.

ANEXO II – Lista de termos circenses

Acrobacia: São seqüências de saltos realizadas em apresentações executadas pelo acrobata, com ou sem aparelhos, em situações individuais, em duplas ou em grupo.

Acrobata: Artista circense que realiza seqüência de movimentos no ar.

Argolas: Equipamentos em forma circular, utilizados em exercícios de malabares nas demonstrações de habilidades com objetos.

Adereços: Objetos usados pelos artistas durante apresentações, como sapatos, bengalas, chapéus, plumas e capas.

Aparador: Trapezista na posição de ponta-cabeça com as pernas presas na barra do trapézio, segurando o companheiro no momento do salto aéreo.

Apresentador: Mestre de cerimônias que abre o espetáculo, anunciando as atrações e apresentando os espetáculos circenses.

Aramista: É a pessoa que faz apresentações em cabo de aço. Equilibra-se utilizando equipamentos como bicicleta ou monociclo. Executa uma seqüência de saltos, incrementando a sua apresentação.

Arquibancada: Espaço utilizado para assistir ao espetáculo.

Bailarina: É a artista que se apresenta no trapézio por meio de várias performances.

Báscula: É um aparelho que fica no alto do trapézio esperando os parceiros para a apresentação quando saltam.

Bola: A bola é um material de vários tamanhos e cores utilizada na execução de malabares ou equilíbrio.

Cambalhota: É um movimento ginástico simples em que o praticante com a cabeça e a mão no chão realiza um rolamento para frente ou para trás sobre um colchão.

Circo: É um anfiteatro de forma circular com uma estrutura de ferro e cobertura de lona para apresentações de espetáculos circenses.

Circense: Pessoa encarregada de trabalhar em um circo.

Circo de Cavalinhos: Circo em que a apresentação principal utilizava cavalos em números com coreografias.

Clava: É o equipamento em forma de garrafas utilizado em malabares.

Contorcionismo: É uma técnica de origem indiana em que o corpo executa vários exercícios de elasticidade.

Corda Indiana: Aparelho aéreo que utiliza os membros superiores e inferiores em trabalho de força e plasticidade.

Cama Elástica: É um aparelho de estrutura de ferro com molas e lona para a execução de movimentos aéreos, servindo de trampolim.

Engolidor de Fogo: A pessoa que pratica a “pirofagia”, técnica utilizada em espetáculos com fogo, porém não aconselhável em instituições escolares.

Equilibrista: Artista que anda na corda bamba. Utiliza uma vara conhecida no circo como maromba.

Diabôlo (*Devil Stick*): Conhecido como ioiô chinês. É um objeto em formato de taça com fio e dois bastões, fazendo o equipamento girar várias vezes.

Globo da Morte: Aparelho feito em grade de metal com capacidade para 1 a 3 motocicletas que o percorrem por dentro, desafiando a lei da gravidade. (Em circos pequenos esse número é feito com bicicletas).

Lira: Aparelho de metal suspenso em forma circular usado para movimentos clássicos do circo (gola, aro, estrela).

Malabares: Modalidade para trabalhar a concentração e a destreza em variadas manipulações com pés e mãos, clavas, aros, *swings* e paninhos chineses (véus).

Malabarista: Pessoa que joga malabares e objetos no ar sem deixá-los cair.

Monociclo: Aparelho de equilíbrio feito em bicicleta de uma só roda. É executado individualmente, em duplas, em trio ou em grupo, com variações nas evoluções (podendo jogar malabares, subir, pular corda).

Mímica: É a arte de comunicar-se por meio da expressão facial e gestual.

Palhaço (Clown): É uma palavra inglesa cuja origem remonta ao século XVI, derivado de *cloyne*, *cloine*. Define o homem do campo, *clod* ou *clown*, significando homem desajeitado, grosseiro. Na pantomima inglesa o termo clown designava o cômico principal, o serviçal. No universo circense clown é o artista circense que participa de curtos esquetes. Palhaço vem de palha: Na Itália os primeiros artistas cômicos se vestiam de espantalhos, dentro das roupas amortecidas das quedas constantes. Eles são caracterizados com figurinos de roupas largas, coloridas e sapatos grandes.

Pantomima: Representação de personagens de uma história dramática com o auxílio de gestos (sem utilizar as palavras nas encenações).

Perna de Pau: Aparelho de equilíbrio, construído de madeira, alumínio ou carbono. Na escola é utilizada a perna construída artesanalmente com madeira.

Picadeiro: É o espaço central circular do circo forrado com serragem onde se apresentam os artistas.

Pirofagia: Arte de engolir fogo.

Pratos: São números de equilíbrio com pratos pesados em uma vara especial.

Rede: É o meio de proteção usado pelos artistas em números aéreos.

Saltimbancos: Eram artistas viajantes na Idade Média. Encenavam peças cômicas em praças públicas.

Trapézio: É um aparelho com estrutura de ferro preso por cordas ao teto, através do qual o trapezista com suas habilidades aéreas desafia os limites do próprio corpo.

ANEXO III - Consentimento para fotografias, vídeos e gravações

Eu _____
permito que o grupo de pesquisadores relacionados abaixo obtenha fotografias, filmagens ou gravação do(a) meu filho (a) para fins de pesquisa científica, médica e educacional e que possam ser publicadas em aulas, congressos, palestras ou periódicos científicos.

A minha pessoa, porém, não deve ser identificada por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As imagens ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob a guarda dos mesmos.

Nome do pai ou responsável:

Assinatura:

Equipe de pesquisadores:

Professor Dr. João Batista Freire

Professor Luiz Henrique Rodrigues

Local e data onde será realizado o projeto: Joinville, 16 de setembro de 2006.

ANEXO IV – Aprovação do comitê de ética**UDESC**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2006

Nº. de Referência 145/06

Ao Pesquisador Prof. Dr. João Batista Freire da Silva

Prezados Senhores,

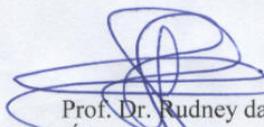
Analizamos o projeto de pesquisa intitulado “*A representação das atividades circenses na escola*” enviado previamente por V. S.^a. Desta forma, vimos por meio desta, comunicar que o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos tem como resultado a **aprovação** do referido projeto.

Este Comitê de Ética em Pesquisa segue as Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Resolução CNS 196/96, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Gostaria de salientar que quaisquer alterações do procedimento e metodologia que houver durante a realização do projeto em questão e, que envolva os indivíduos participantes, deverão ser informadas imediatamente ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos.

Duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deverão ser assinadas pelo indivíduo pesquisado ou seu representante legal. Uma cópia deverá ser entregue ao indivíduo pesquisado e a outra deverá ser mantida pelos pesquisadores por um período de até cinco anos, sob sigilo.

Atenciosamente,



Prof. Dr. Rudney da Silva

Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UDESC